

Lançado o hino da Campanha da Fraternidade 2026.



A Edição CNBB divulgou nesta segunda-feira, 29 de setembro, o hino da Campanha da Fraternidade 2026, com o tema “Fraternidade e Moradia”. A letra da música é de Crisógono Sabino e a melodia de Carlos Alberto Santos, escolhidas após o concurso organizado pelo Setor Campanhas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pelo Setor Música Litúrgica da Comissão Episcopal para a Liturgia.

O material finalizado contou com arranjo instrumental do maestro Antônio Karam. Já a produção artística, a direção musical, o arranjo vocal e a regência ficou sob a responsabilidade do frei Telles Ramon.

Letra do hino da CF 2026:

1. No caminho da vida sofrida,
há irmãos sem abrigo, sem chão.
Na calçada, no bairro, na espera,
brota o grito, o clamor do irmão.
Mas o Verbo se fez moradia
no presépio da simplicidade:
vem morar com o pobre sofrido,
transformando a dor em bondade!
- “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14),
Deus conosco em cada irmão!
Por um lar de amor e justiça,
nosso canto as nações ouvirão.**
2. Onde falta direito e cuidado,
sobra medo, abandono e dor.
Mas a fé, que se faz compromisso,
ergue a voz com firmeza e ardor!
Quando o amor for tijolo e telhado,
e a justiça a nossa missão,
cada casa será testemunho
do Evangelho de Cristo em ação!
3. Se o profeta levanta sua voz,
é o Cristo que clama também:
“Dai morada ao pequeno e ao fraco,
sede os braços que acolhem o bem!”.
Nossa fé não se finda no altar:
partilhar brota em nós comunhão.
Espalhando as sementes do amor,
nossa fé faz de nós mais irmãos!

A escolha da música

Para a definição do hino da CF 2026, os setores de Música Litúrgica e de Campanhas da CNBB realizaram um concurso, supervisionado pelo presidente da Comissão Episcopal para a Liturgia, dom Hernaldo Pinto Farias, e o secretário-geral da CNBB, dom Ricardo Hoepers.

Em 4 de abril, foi lançado o edital do concurso, com ampla divulgação no site e nas redes sociais da CNBB. Os compositores foram convidados a participar gratuitamente das formações online, no mês de maio, nas quais foi possível conhecer o tema da Campanha da Fraternidade e as indicações para a composição da letra e da melodia.

Houve participação de 343 pessoas de todas as regiões do Brasil:

- 166 do Sudeste;
- 85 do Nordeste;
- 40 do Sul;
- 30 do Norte e
- 22 do Centro-Oeste

Dos participantes, 100 participaram enviando letras, e 42 enviaram melodias.

A letra escolhida para o hino 2026 é de autoria de Crisógono Sabino, de Vitória (ES); e a melodia de Carlos Alberto Santos, de Lagoa Seca (PB).

“Este ano a equipe organizadora do concurso optou por uma letra mais curta, para facilitar a memorização e a utilização nos vários contextos, celebrativos e formativos. A letra destaca a dimensão da conversão comunitária que a Quaresma exige, conforme ensina a constituição conciliar Sacrosanctum Concilium 110: ‘A penitência do tempo quaresmal não seja somente interna e individual, mas também externa e social’ Através de várias imagens poéticas, a letra vai desenhando o caminho que todos os cristãos necessitamos trilhar. E a melodia, com a extensão de uma oitava, sequência de graus conjuntos com pequenos saltos, facilita o aprendizado e o canto em comum”, explicou o assessor do Setor Música Litúrgica da Comissão para a Liturgia da CNBB, padre Jair Costa.

Uso do hino da CF na Liturgia

Padre Jair explicou sobre o uso do hino da CF na litúrgica:

“Recordamos que a Quaresma tem seu repertório próprio. O hino da CF pode ser usado ao fim das celebrações, e nos momentos de catequese e reuniões de formação dos diversos grupos, pastorais e movimentos”, explicou.-Fonte: CNBB

Participantes do Seminário Nacional de Campanhas publicam carta manifesto contra as remoções e despejos no país



O participantes do Seminário Nacional de Campanhas promovido pelo Setor de Campanhas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicaram uma “Carta Manifesto contra as Remoções contra as Remoções e Despejos”. A carta expressa indignação e repúdio à política de remoções e despejos que vem sendo praticada no Brasil.

“Movidos por um caminho profético de promoção da dignidade humana e mobilizados pela fraternidade, que nos leva a conhecer no outro uma irmã e um irmão, nos posicionamos em defesa do direito fundamental à moradia digna, porta de entrada de todos os demais direitos”, diz um trecho do documento.

Na carta, em referência a um trecho do Texto-Base – CF 2026, a carta afirma que “a falta de um teto digno não é apenas uma carência material, mas expressão concreta da exclusão social que nega a dignidade de filhos e filhas de Deus”.

O texto, manifesta solidariedade às famílias em situação de vulnerabilidade que estão sofrendo processos de remoção e despejo em diversas regiões do País e a disposição e empenho para defender e contribuir na construção de programas e políticas públicas que assegurem o pleno atendimento ao direito à moradia.

A Carta repudia as ações que a dignidade humana e os direitos fundamentais, atingindo os mais vulneráveis, com destaque para idosos, mulheres, pessoas com deficiência e crianças e o uso da estrutura do Estado para ações que violem os direitos fundamentais do cidadão.

Enumera também uma série de reivindicações:

➤ *Suspensão imediata das remoções e despejos, que ultrajam a humanidade de todos nós e contribuem para a perpetuação da lógica de uma cidade para poucos, às custas de muitos.*

➤ *Que os direitos de morar dignamente, onde escolhermos, sejam respeitados e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária seja posta em ação por meio do cumprimento da Constituição Federal (Art. 6º).*

➤ *Adoção de Programas e Políticas Públicas Habitacionais e instalação de instâncias de mediação de conflito fundiário em nível nacional e nos Estados, bem como outros equipamentos públicos nos territórios das populações ameaçadas de remoção e despejo, e suspensão de quaisquer procedimentos nas áreas administrativas e jurídicas e apuração das violações de direitos.*

Íntegra da carta

CARTA MANIFESTO CONTRA AS REMOÇÕES E DESPEJOS

Nós, lideranças pastorais de todo país, participantes do Seminário Nacional da Campanha da Fraternidade de 2026 sobre Moradia, reunidos em Brasília de 25/09/2025 a 28/09/2025, vimos expressar veemente indignação e repúdio à política de remoções e despejos que vem sendo praticada no Brasil.

Movidos por um caminho profético de promoção da dignidade humana e mobilizados pela fraternidade, que nos leva a conhecer no outro uma irmã e um irmão, nos posicionamos em defesa do direito fundamental à moradia digna, porta de entrada de todos os demais direitos. Afinal, “a falta de um teto digno não é apenas uma carência material, mas expressão concreta da exclusão social que nega a dignidade de filhos e filhas de Deus” (Texto-base – CF 2026, parágrafo 6).

Manifestamos:

- Nossa solidariedade às famílias em situação de vulnerabilidade que estão sofrendo processos de remoção e despejo em diversas regiões do País.
- Nossa disposição e empenho para defender e contribuir na construção de programas e políticas públicas que assegurem o pleno atendimento ao direito à moradia.

Repudiamos:

- Ações que violam a dignidade humana e os direitos fundamentais, atingindo os mais vulneráveis, com destaque para idosos, mulheres, pessoas com deficiência e crianças.
- O uso da estrutura do Estado para ações que violem os direitos fundamentais do cidadão.

Reivindicamos:

➤ *Suspensão imediata das remoções e despejos, que ultrajam a humanidade de todos nós e contribuem para a perpetuação da lógica de uma cidade para poucos, às custas de muitos.*

➤ *Que os direitos de morar dignamente, onde escolhermos, sejam respeitados e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária seja posta em ação por meio do cumprimento da Constituição Federal (Art. 6º).*

➤ *Adoção de Programas e Políticas Públicas Habitacionais e instalação de instâncias de mediação de conflito fundiário em nível nacional e nos Estados, bem como outros equipamentos públicos nos territórios das populações ameaçadas de remoção e despejo, e suspensão de quaisquer procedimentos nas áreas administrativas e jurídicas e apuração das violações de direitos.*

Reafirmamos o nosso compromisso com o ensinamento do Papa Francisco:

“Terra, Teto e Trabalho, aquilo pelo que lutais são direitos sagrados”.

Brasília, 28/09/2025. - Fonte: CNBB

Encontro das Águas sela compromisso do Muticom com uma comunicação transformadora



O 14º Mutirão Brasileiro de Comunicação- Muticom foi encerrado na manhã deste domingo (28) no cenário grandioso da confluência dos rios Negro e Solimões, em Manaus (AM). Comunicadores e comunicadoras, agentes de pastorais, religiosos e religiosas, presbíteros e bispos finalizaram os quatro dias de intensas reflexões (25 a 28/09) sobre o tema “Comunicação e Ecologia Integral: transformação e sustentabilidade justa”.

A cerimônia de encerramento foi realizada a bordo de uma balsa, com capacidade de acomodar os mais de 300 participantes que saíram do Porto dos Pescadores rumo ao Encontro das Águas, o espetáculo natural onde as correntes de cores e temperaturas distintas dos rios correm lado a lado sem se misturar. A travessia da balsa serviu como uma metáfora para os participantes: a busca por uma comunicação transformadora que, como a união dos rios, deve gerar esperança na comunicação transformadora e comprometida com a Ecologia Integral.

Joga-me contra a injustiça em furacão de verdade.

A bordo, a emoção foi embalada pela poesia do poeta amazonense Chico da Silva. Artistas das comunidades como Brito, Beto, Suzana e Magno, das paróquias Nossa Senhora de Nazaré e Auxiliadora entoaram a canção “Amazonas Meu Amor”, enquanto a alegria era palpável nos rostos e olhares que contemplavam a beleza do rio. O som das músicas do poeta e as toadas dos bois Garantido e Caprichoso animaram a todos, até o encontro das águas.

No trajeto de cerca de uma hora, contudo, o rio revelou seu lado ferido. Foi possível avistar, na beira d’água, as marcas visíveis da exploração de recursos naturais e de também do seu povo mais empobrecido por grandes indústrias, portos e áreas sem a devida proteção. A Irmã Marines Cantelle sintetizou a dor da realidade: “Aqui é um lugar em que as pessoas sofrem muito com a exploração, de diversas formas”. O contraste entre a exploração e a vida, no entanto, era quebrado pela presença lúdica dos botos que pulavam ao redor da embarcação.

Sopra-me, vida em Teu Sopro, Paz inquieta e Esperança.

Após navegar pelas águas e assim experimentar o poder da natureza, criatura de Deus, que expressa em cada detalhe seu amor pela humanidade, pois deixa um traço de sagrado em tudo que criou, foi momento de chegar ao encontro das águas do rio Solimões e do rio Negro. Um espetáculo aos olhos: até os botos quiseram saudar os comunicadores e comunicadoras no coração da Amazônia. Assim começou a cerimônia de encerramento do 14º Muticom.

Com o chamamento do Espírito Santo, que veio sobre todos e todas que entoaram a prece: “Tu que sopras onde queres, Vento de Deus gerando vida, Sopra-me, sopra-me, Sopra-me, Sopro fecundo”. E assim, elementos de fé foram introduzidos no meio da embarcação: primeiro, a Sagrada Escritura, pois nela há vida, ensinamento, modelo de vivência e instrumento de mudança de comportamento. Depois, a entrada da Luz, do fogo, aceso em um ouriço da castanha-do-pará, chama que dá a vida e traz a paz, fogo que clareia as visões perante a indiferença e a destruição, para que se possa ter vida. Por fim, foram inseridos símbolos da Casa Comum, esteiras de palha com frases de destaque: Ecologia Integral, “Tudo está interligado” e a “Laudato Si”. Plantas e cuias com água, símbolo do batismo, do compromisso, águas que limpam e que curam, água tão necessária para os viventes.



Leva-me em Boa Notícia sobre os telhados do medo

Então, houve a leitura do evangelho e uma breve orientação espiritual pelo cardeal arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Steiner lembrou aos participantes que todos voltarão por caminhos diferentes, alguns pelas estradas, outros pelos rios, mas todos levarão a certeza da presença divina. “Tenhamos a certeza de que o Senhor nos acompanha, é Ele que nos acompanha mesmo quando achamos que Ele dorme”, afirmou. Para ele, assim como os amazônicos enfrentam o medo diante das águas agitadas, também os comunicadores e comunicadoras vivem suas próprias tempestades, especialmente diante das “intempéries” da sociedade atual. Mas reforçou com firmeza: “Ele não dorme, Ele está conosco”.

Aos pés do altar, em tom pastoral, o cardeal reiterou que é Cristo crucificado e ressuscitado quem dá sentido à missão dos comunicadores. “Porque é Ele também que anunciamos, é Ele o grande comunicador do Pai que nós desejamos comunicar”, disse. Diante de tantas “dificuldades e tantas agressões, tantas notícias falsas”, Dom Leonardo conclamou os participantes a se voltarem sempre a Jesus, para que sua presença oriente e ilumine cada gesto e cada palavra comunicada. “Aquilo que transmitimos seja esperança, seja consolo, seja samaritanidade, seja sempre motivo de elevação da dignidade da pessoa humana, mas também a dignidade de todos os seres”, declarou. E concluiu com fé: “O Senhor nos acompanhará sempre”, finalizou.

Faze-me todo janelas, Olhos abertos e abraço.

Assim, o cardeal convidou todos os presentes a assumirem um compromisso com uma comunicação transformadora e com a Igreja de Jesus. Pediu que, aqueles que assim desejassem, repetissem com ele em voz alta uma oração que resumia toda a essência debatida ao longo dos dias do evento. “Louvado sejas, meu Senhor”, assim começou, com o cântico de São Francisco de Assis sobre as criaturas, e continuou: “Como comunicadores e comunicadoras despertaremos para relações fraternas, reconhecendo que tudo está interligado”, e ainda: “Comunicaremos a paz para vivermos como irmãos e irmãs; ajudaremos a resgatar os abandonados e esquecidos que são a pupila de vossos olhos”, foi proclamado.

CLIQUE AQUI e leia todo o compromisso

Passa-me em torno das flores, Beijo de graça e ternura.



Dom Valdir José de Castro, presidente da Comissão Episcopal para a Comunicação da CNBB, reforçou que, mais do que um ponto final, o evento representa um recomeço. “Estamos já, como disse o nosso arcebispo, terminando este encontro, mas retomando a missão.”

Segundo ele, a Comissão preparou uma mensagem especial para marcar esse momento de envio e que foi lida pelos assessores da comissão, Pe. Tiago e Osnilda Lima, a mensagem, voltada a todos os

comunicadores e comunicadoras do Brasil, foi pensada especialmente para os participantes presentes no Muticom, mas também para todos os comunicadores e comunicadoras do Brasil.

A mensagem final do 14º Muticom, expressa o compromisso assumido por comunicadores e comunicadoras de todo o Brasil diante do desafio de unir comunicação e ecologia integral. O texto ressalta que a experiência no solo amazônico foi um verdadeiro encontro em torno de Jesus Cristo, o “comunicador por excelência do Pai”, promovendo unidade na diversidade.

Às vésperas da COP 30 e celebrando os 10 anos da encíclica Laudato Si’, a carta reforça que comunicar a partir do “Evangelho da Criação” é uma resposta urgente à crise socioambiental. O texto também destaca que ouvir o clamor dos povos da Amazônia, que é o clamor de toda a humanidade, deve inspirar os comunicadores a fazerem ecoar a Boa-nova com esperança e coragem, em todos os meios, sejam analógicos ou digitais. A mensagem se encerra com uma prece para que Maria, Mãe da Amazônia, e São Francisco de Assis inspirem a construção de um mundo justo, fraterno e sustentável.

Vento de Deus gerando vida, Sopra-me, sopra-me.

A sensação de dever cumprido e de inspiração era geral. Maysa Evelyn, de Parintins, resumiu o sentimento do grupo: “Renovador. Vamos voltar para casa cheios de ideias”, disse a comunicadora. O Muticom 2025 encerra-se, assim, com o compromisso de levar a Ecologia Integral e a transformação para todas as frentes de comunicação do país. Foram dias intensos, marcados por diálogos, encontros, novas amizades, debates e aprendizados, mas também por um tempo de recarregar o espírito para produzir uma comunicação que transforme a vida das pessoas e aprofunde a consciência coletiva no cuidado com a Casa Comum.

Sopra-me, Sopra fecundo.

Fonte: CNBB

Dia de Oração no Brasil recorda missionários assassinados e sequestrados em todo o mundo



Nos últimos anos, sacerdotes, religiosas e missionários têm enfrentado uma crescente onda de violência em diversas regiões do mundo. Entre 2022 e 2025, mais de 370 casos de assassinatos, sequestros e prisões arbitrárias de membros da Igreja foram registrados, segundo dados da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre (ACN).

Diante desse cenário, comunidades cristãs de todo o Brasil são convidadas, na próxima quarta-feira, 1º de outubro, a participar de um Dia de Unidade de Oração em memória de missionários sequestrados e assassinados. A iniciativa, promovida mensalmente pela ACN, conta com o apoio da Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A cada mês, a campanha propõe uma jornada de oração dedicada a países ou situações marcadas por conflitos armados, perseguição religiosa ou crises humanitárias. Em outubro, a atenção volta-se para a escalada da violência contra agentes pastorais em diferentes partes do mundo.

Violência crescente

Os relatórios da ACN mostram que 2022 marcou o início de uma escalada preocupante. Mais de 100 sacerdotes e religiosas foram sequestrados, presos ou assassinados naquele ano. Doze padres e

cinco religiosas perderam a vida em países como Nigéria, México, República Democrática do Congo, Sudão do Sul e Moçambique.

Em 2023, os registros subiram para 132 casos. A Nigéria voltou a liderar os índices, com 28 sequestros, incluindo três religiosas. O Haiti também passou a figurar entre os países mais atingidos, enquanto padres e religiosas foram feitos reféns em Mali, Burkina Faso e Etiópia.

O ano de 2024 não trouxe alívio: foram 121 novos casos, com 13 assassinatos, 37 sequestros e 71 prisões. Entre os episódios mais graves, destacam-se o assassinato do padre mexicano Marcelo Pérez e o sequestro do bispo emérito Salvador Rangel Mendoza.

Em 2025, a Nigéria consolidou-se como epicentro da violência, respondendo por mais de 80% dos sequestros de sacerdotes registrados até março. Um dos casos mais emblemáticos foi o do seminarista Andrew Peter, sequestrado e posteriormente assassinado.

Mártires do século XXI

O tema também esteve em destaque no Vaticano. No dia 8 de setembro, a Santa Sé anunciou que mais de 1.600 mártires e testemunhas da fé do século XXI já foram reconhecidos pela Comissão instituída em 2023 pelo então Papa Francisco.

Os dados apresentados revelam que 304 desses mártires são provenientes das Américas, 43 da Europa, 110 morreram em missões em diferentes países, 277 no Oriente Médio e no Magrebe, 357 na Ásia e Oceania e 643 na África – continente que concentra o maior número de mortes.

Segundo Andrea Riccardi, fundador da Comunidade de Santo Egídio e vice-presidente da Comissão, “infelizmente, os cristãos continuam morrendo porque são testemunhas do Evangelho, apaixonados por Deus e pelo próximo, servos da humanidade e livres comunicadores da fé”.

A celebração ecumênica em memória desses novos mártires foi presidida pelo Papa Leão XIV no domingo, 14 de setembro, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma.

Fonte: CNBB

O Papa: diálogo entre culturas e religiões, objetivo para um político de inspiração cristã

Ao receber o Grupo de Trabalho sobre Diálogo Intercultural e Inter-religioso, no Vaticano, Leão XIV destacou que "ser homens e mulheres de diálogo significa permanecer firmemente arraigados no Evangelho e nos valores que vem dele e, ao mesmo tempo, cultivar a abertura, a escuta e o envolvimento com aqueles que vêm de outras inspirações, colocando sempre no centro a pessoa humana, sua dignidade e sua constituição relacional e comunitária".

Mariangela Jaguraba – Vatican News

O Papa Leão XIV recebeu em audiência, nesta segunda-feira (29/09), no Vaticano, os membros do Grupo de Trabalho sobre Diálogo Intercultural e Inter-religioso.



O Papa com os membros do Grupo de Trabalho sobre Diálogo Intercultural e Inter-religioso (@Vatican Media)

Este grupo foi criado dentro do Parlamento Europeu, uma iniciativa que Leão XIV espera que dê frutos. Trata-se de pessoas que deram um bom testemunho na promoção desse diálogo.

Promover o diálogo entre culturas e religiões é um objetivo fundamental para um político de inspiração cristã, e graças a Deus não faltam pessoas que deram bom testemunho neste sentido.

Segundo o Papa, "ser homens e mulheres de diálogo significa permanecer firmemente arraigados no Evangelho e nos valores que vem dele e, ao mesmo tempo, cultivar a abertura, a escuta e

o envolvimento com aqueles que vêm de outras inspirações, colocando sempre no centro a pessoa humana, sua dignidade e sua constituição relacional e comunitária".

Trabalhar para o diálogo inter-religioso exige reconhecer que a religião é um valor tanto pessoal quanto social. A própria palavra "religião" contém uma referência ao vínculo como elemento fundamental do ser humano. Portanto, a dimensão religiosa, quando autêntica e bem cultivada, dá qualidade às relações interpessoais e ajuda muito a formar as pessoas para viverem em comunidade e na sociedade. Como é importante hoje dar valor e significado às relações humanas!

De acordo com o Papa, "as instituições europeias precisam de pessoas que saibam viver uma laicidade saudável, isto é, um estilo de pensamento e ação que afirme o valor da religião, preservando a sua distinção – e não a separação ou confusão – em relação à esfera política". "Neste sentido, os exemplos de Robert Schuman, Konrad Adenauer e Alcide De Gasperi valem mais do que as palavras", concluiu Leão XIV, agradecendo aos membros do Grupo de Trabalho sobre Diálogo Intercultural e Inter-religioso pela visita.

Fonte: Vatican News

O Papa recebe o príncipe herdeiro e o primeiro-ministro do Bahrein

Esta manhã, o Papa Leão XIV encontrou-se com Salman bin Hamad Al Khalifa na Residência Apostólica. As conversas na Secretaria de Estado se concentraram nas boas relações bilaterais e vários temas de interesse recíproco foram abordados, como a urgência de pôr fim à guerra no Oriente Médio e o compromisso com a paz.

Vatican News



O Papa encontra o príncipe e primeiro-ministro do Bahrein, Salman bin Hamad Al Khalifa (@VATICAN MEDIA Na manhã desta segunda-feira, 29 de setembro, o Papa se encontrou com o príncipe herdeiro e primeiro-ministro do Reino do Bahrein, Salman bin Hamad Al Khalifa, na Residência Apostólica. Posteriormente, segundo um comunicado da Sala de Imprensa da Santa Sé, o monarca se encontrou com o secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, acompanhado por monsenhor Mirosław Stanisław Wachowski.



O Papa recebeu em audiência o príncipe e primeiro-ministro do Bahrein, Salman bin Hamad Al Khalifa (@VATICAN MEDIA)

Durante as conversas cordiais na Secretaria de Estado, foi expressa satisfação pelas boas relações bilaterais e concordado o desejo de fortalecê-las ainda mais. Em seguida, o debate centrou-se na política do Reino do Bahrein de promover o diálogo inter-religioso e a convivência pacífica entre as diferentes religiões do Reino. Além disso, foram abordadas diversas questões de interesse mútuo, como a necessidade urgente de pôr fim à guerra no Oriente Médio e o compromisso com a paz entre as nações.

Fonte: Vatican News

O Papa recebe o presidente da República da Guiné-Bissau



Leão XIV recebe, no Vaticano, Umaro Sissoco Embalò, presidente da República da Guiné-Bissau (@VATICAN MEDIA)

O encontro entre Leão XIV e o chefe de Estado africano, Sissoco Embaló, realizou-se na Residência Apostólica. Depois, a conversa com o secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin. Foi enfatizada a contribuição da Igreja, particularmente nas áreas da educação e da saúde.

Vatican News

A Sala de Imprensa da Santa Sé informa num comunicado sobre o encontro de Leão XIV com o presidente da República da Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embaló, recebido nesta segunda-feira, 29 de setembro, na Residência Apostólica Vaticana. O chefe de Estado africano encontrou-se posteriormente com o secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, acompanhado por monsenhor Mirosław Wachowski.



O Papa com o presidente da Guiné-Bissau e comitiva (ANSA)

Durante o encontro, segundo o comunicado, foram enfatizadas "as boas relações entre a Santa Sé e a Guiné-Bissau" e "a contribuição da Igreja para o bem comum, especialmente nas áreas da educação e da saúde". Depois, a conversa se deteve "em alguns aspectos da situação política, social e econômica do país e houve troca de opiniões sobre a atualidade internacional".

Fonte: Vatican News

Gallagher: reformar a ONU para promover a paz, o desenvolvimento e os direitos humanos

Na Assembleia Geral das Nações Unidas pelo 80º aniversário de sua instituição, o secretário para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais relembra a necessidade de trabalhar

pela paz através do desarmamento, do respeito ao direito humanitário e da superação da crise do multilateralismo. Ele reafirma a dignidade da pessoa, o cuidado com a criação e os riscos da IA, esperando que a diplomacia e o diálogo levem a um cessar-fogo nas áreas de conflito.



O arcebispo Paul Richard Gallagher discursa na Assembleia Geral da ONU.

Edoardo Giribaldi – Vatican News

Tal como já fizera o Papa Leão XIV no início do seu pontificado, também o discurso do arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais, na Assembleia Geral da ONU, por ocasião do 80º aniversário de sua instituição, começa com um apelo à paz, objetivo para o qual devem convergir os esforços da comunidade internacional, chamada a se adaptar a um mundo “transformado” e marcado por “ameaças emergentes”. Da Ucrânia ao Oriente Médio, do Sudão à República Democrática do Congo e a outros cenários de conflito, o caminho indicado continua sendo o do diálogo, do multilateralismo e do desarmamento. Neste contexto “conturbado”, a Santa Sé reitera a necessidade de colocar no centro a “dignidade da pessoa humana”, protegendo o direito à vida, enfrentando a crise climática — causa de desigualdades que afetam particularmente migrantes e refugiados — e vigilando os riscos da inteligência artificial, definida como uma conquista “extraordinária”, mas potencialmente perigosa se sacrificar a dignidade em nome da eficiência.

Promover a cooperação multilateral

O discurso, proferido neste dia 29 de setembro na sede das Nações Unidas em Nova York, começa com a constatação de que a “cooperação multilateral” é essencial para enfrentar as questões globais. Para fazer isso, é necessário reafirmar os valores fundamentais da organização: promover a paz internacional, o desenvolvimento e os direitos humanos universais, valores que são “ainda mais importantes em um mundo cada vez mais fragmentado”. Este é marcado por um “isolacionismo” que causa “uma instabilidade previsível” que se traduz nas feridas que afligem o mundo atual: “a escalada das tensões geopolíticas, a crise climática em curso, o aumento das desigualdades e a crescente pobreza”. Questões que testemunham um contexto internacional alterado, com novas “ameaças” que “nenhum país pode enfrentar sozinho”. Nesse contexto, a Santa Sé se coloca como “voz dos que não têm voz”, promovendo “um mundo em que a paz prevaleça sobre os conflitos, a justiça triunfe sobre as desigualdades, o Estado de Direito substitua o poder e a verdade ilumine o caminho para o autêntico bem-estar humano”.

Construir a paz

O arcebispo enfoca a paz: não simplesmente a “ausência de conflito” ou equilíbrio entre adversários, mas um valor enraizado no “respeito mútuo”, “ativo e envolvente”, como já afirmado pelo Papa Leão XIV. Para construí-la, é necessário rejeitar o “ódio” e a “vingança”, favorecendo, em vez disso, o “diálogo e a reconciliação”. Valores que pertencem ao coração da diplomacia e que a comunidade internacional é chamada a promover com gestos concretos. Nesse sentido, o Santo Sé renovou a proposta de um fundo global, alimentado em parte pelas despesas militares, para erradicar a pobreza e a fome, promover o desenvolvimento sustentável e enfrentar as mudanças climáticas.

Parar a proliferação nuclear

O silêncio das armas, sublinhou Gallagher, passa pela “construção da confiança”. Neste contexto, contrasta a corrida ao rearmamento, que gera “novas ameaças” e “exacerba os medos”. O valor vertiginoso dos gastos militares globais — 2,72 trilhões de dólares em 2024 — perpetua “ciclos

de violência e divisão”, subtraindo recursos dos pobres e vulneráveis. O desarmamento não é um cálculo político, mas um “imperativo moral”. É preocupante, portanto, que vários Estados estejam retirando seus compromissos dos tratados internacionais. Um alarme que envolve, em primeiro lugar, as ogivas nucleares: os estoques devem ser reduzidos e a modernização dos arsenais interrompida. Os dados disponíveis indicam que existem mais de 12.000 ogivas no mundo, “com uma potência explosiva total de 1,5 gigatons, equivalente a mais de 100.000 bombas do tipo lançada sobre Hiroshima”. E, inspirando-se no 80º aniversário dos bombardeios que atingiram a cidade japonesa, juntamente com Nagasaki, em 1945, Gallagher afirma que não há dúvida de que “um mundo livre de armas nucleares é necessário e possível”.

Respeitar o direito internacional humanitário



Assembleia Geral das Nações Unidas

Outro “pilar” da paz é o respeito ao direito internacional humanitário. Sua violação — com ataques a civis, hospitais, escolas e locais de culto — constitui um “grave crime de guerra”. A isso se soma o uso da fome como arma. O pessoal militar, lembrou Gallagher, é “totalmente responsável” por suas ações, que não podem ser justificadas pela obediência às ordens. Em contextos de guerra, atuam também numerosos operadores humanitários, cuja missão é marcada por imensos desafios: ameaças à segurança, escassez de recursos, acesso limitado ao socorro.

Promover a liberdade

A Santa Sé também fez referência à liberdade de pensamento, consciência e religião. Mais de 360 milhões de cristãos vivem hoje em áreas de “forte perseguição ou discriminação”, configurando o cristianismo como “o grupo religioso mais perseguido do mundo”. Nenhum Estado ou sociedade - advertiu -, deve obrigar a agir contra a própria consciência. Central neste contexto é o diálogo inter-religioso: não uma mera troca de ideias, mas “um caminho compartilhado rumo ao respeito mútuo, à justiça e à paz”. Um compromisso urgente em um mundo marcado por extremismos, polarizações e conflitos muitas vezes alimentados por incompreensões. A Santa Sé, lembrou Gallagher, está na linha de frente também comemorando os 60 anos da Declaração conciliar sobre as relações com as religiões não cristãs, *Nostra Aetate*.

Preservar a dignidade humana

Todos os esforços da comunidade internacional devem colocar ao centro “a dignidade da pessoa”. Garantir os bens essenciais significa também defender o direito à vida, “desde a concepção até ao seu fim natural”. A Santa Sé reiterou a ilegalidade do aborto e da eutanásia, práticas que promovem uma “cultura da morte”. Os recursos devem, ao contrário, ser destinados à proteção da vida, com assistência médica adequada e cuidados paliativos. Gallagher advertiu: “existe apenas um direito à vida”; não pode haver nenhum contrário, mesmo que falsamente apresentado como liberdade. Quando ela se desvincula da “verdade objetiva e universal”, acrescentou, até mesmo o direito à vida corre o risco de ser negociado. Entre as práticas que minam a dignidade humana, o arcebispo denunciou a maternidade de substituição, que reduz a mulher e a criança a “simples produtos”.

A soberania do direito

Há dez anos, falando do mesmo lugar onde se dirigiu o secretário vaticano, o Papa Francisco afirmou que o trabalho das Nações Unidas pode ser visto “como o desenvolvimento e a promoção da soberania do direito, sabendo que a justiça é um requisito indispensável para realizar o ideal da fraternidade universal”. Hoje, a Santa Sé reitera que “nenhum indivíduo ou grupo,

independentemente de seu status, deve reivindicar a autoridade de violar a dignidade e os direitos dos outros ou de suas comunidades”.

Erradicar a fome e a pobreza

Para a Santa Sé, eliminar a fome e a pobreza é uma “obrigação moral”, pois elas privam as pessoas do potencial que Deus lhes concedeu. Uma tragédia que o Papa já definiu como “ainda mais triste e vergonhosa quando percebemos que a terra é capaz de produzir alimentos suficientes para todos os seres humanos”. A chave para resolver a crise reside “na partilha, em vez da acumulação gananciosa”. A produção de alimentos não é suficiente: ela deve andar de mãos dadas com a garantia da sustentabilidade dos sistemas alimentares, que forneçam “dietas saudáveis e acessíveis a todos”. Trata-se, portanto, de “repensar e renovar nossos sistemas alimentares, numa perspectiva de solidariedade”.

As disparidades globais e o cancelamento da dívida

Superar as disparidades globais — sejam elas econômicas, sociais ou ambientais — representa um desafio urgente adicional para a Santa Sé. Hoje persistem profundas desigualdades na distribuição da riqueza, no acesso à educação, à saúde, à segurança alimentar e a condições de vida adequadas, muitas vezes agravadas por “injustiças sistêmicas, conflitos e degradação ambiental”. É, portanto, indispensável enfrentar as suas causas estruturais: “sistemas comerciais injustos, práticas laborais exploradoras, acesso desigual aos recursos”. Os pesados encargos da dívida prendem nações inteiras na pobreza: por isso, seu cancelamento não é apenas um ato de generosidade, mas uma “questão de justiça”. Um valor que se torna ainda mais urgente com o reconhecimento de uma nova forma de dívida: a “ecológica”, que se manifesta principalmente entre o Norte e o Sul do mundo, ligada aos desequilíbrios comerciais, aos efeitos ambientais e ao uso desproporcional dos recursos naturais por parte de alguns países durante longos períodos de tempo.

O cuidado com a criação e a crise climática

Considerar seriamente a questão da “dívida ecológica” também é uma questão de “justiça ambiental”, não mais um conceito abstrato ou um objetivo distante. Gallagher observou que o contexto geopolítico atual é marcado por “uma crise do multilateralismo”, mas também por uma questão climática com implicações cada vez mais evidentes: ela afeta principalmente os mais vulneráveis — os pobres, as gerações futuras — “que também são os menos responsáveis”. É, portanto, necessário reforçar a cooperação internacional, promover a partilha de tecnologias e a ação climática, investindo numa “cultura do cuidado que ensine novas formas de viver”.

Os migrantes e refugiados

De acordo com a Santa Sé, os migrantes e refugiados são as “primeiras vítimas” das profundas desigualdades globais. A resposta a esses problemas não pode ser apenas política: deve basear-se em uma abordagem ética, humanitária e solidária, a ser garantida independentemente do status de quem deixou seu país, respeitando o “princípio de não rejeição” e prevenindo a violência e a exploração. Deve ser dada especial atenção à recomposição familiar, reconhecendo o papel fundamental desse núcleo “no desenvolvimento humano, na saúde psicológica e na estabilidade social”. Para reduzir os riscos associados à migração irregular, a Santa Sé convidou a ampliar os canais de migração seguros, combatendo assim a ação dos traficantes e reduzindo as viagens perigosas, muitas vezes letais.

O desafio da Inteligência Artificial

Além dos grandes desafios globais, como já foi destacado pelo Papa Leão XIV, a comunidade internacional se depara com “outra revolução industrial”: a da Inteligência Artificial (IA). Ela representa “uma conquista tecnológica extraordinária” que se forma graças à criatividade humana, produzindo, no entanto, resultados que podem superar suas capacidades, “gerando preocupações sobre seu impacto em nossa sociedade”. Essas preocupações baseiam-se no risco de que a IA alimente um “paradigma tecnocrático”, segundo o qual todos os problemas do mundo podem ser resolvidos apenas por meio da tecnologia. Uma abordagem que corre o risco de subordinar a dignidade e a fraternidade humanas à eficiência. A Santa Sé convidou, portanto, a desenvolver e adotar diretrizes éticas e quadros normativos claros para a IA.

Preservar os direitos dos trabalhadores

O uso cada vez mais difundido da IA, continuou o secretário do Vaticano, coloca em risco muitos empregos. Torna-se, portanto, necessário implementar sistemas econômicos que coloquem em primeiro plano a criação de novas funções, favorecendo o empreendedorismo. Salários justos e

condições de trabalho sustentáveis, em particular para as mulheres, são fundamentais para fortalecer os núcleos familiares. A Santa Sé também manifestou seu desejo de um compromisso renovado no apoio aos jovens que desejam construir uma família, definida como “pacto matrimonial entre um homem e uma mulher”.

A crise na Ucrânia

Salientando a importância de um diálogo “claro e inequívoco” na busca por uma solução, o arcebispo passou então a revisar os vários conflitos e situações de particular dificuldade presentes no contexto geopolítico atual. Em primeiro lugar, a crise na Ucrânia: “uma das mais profundas e dolorosas”. Cidades outrora “vibrantes” reduzidas a escombros, crianças obrigadas a crescer entre “sirenes e abrigos” em vez de entre brincadeiras e sorrisos. “Esta guerra deve terminar agora, não num futuro indefinido”, é o apelo da Santa Sé, que renovou o apelo feito pelo Pontífice para um “cessar-fogo imediato”, premissa indispensável “para iniciar um diálogo sincero e corajoso”. Todos os países reunidos nas Nações Unidas são chamados a rejeitar a “passividade” e a apoiar concretamente todas as iniciativas que possam abrir caminho para uma paz justa e duradoura.

Oriente Médio

A Santa Sé também acompanha atentamente a situação no Oriente Médio, reiterando a necessidade de uma paz “justa e estável” entre israelenses e palestinos, baseada na solução de dois Estados, no respeito ao direito internacional e às resoluções da ONU. Leão XIV pediu veementemente o fim da violência, invocando a libertação de todos os reféns, um cessar-fogo permanente, o acesso seguro à ajuda humanitária e o pleno respeito pelo direito internacional, em particular na proteção dos civis, na proibição de “punições coletivas” e no uso indiscriminado da força. A questão de Jerusalém também é central: uma solução “justa”, baseada nas resoluções internacionais, é indispensável para a paz. Qualquer decisão unilateral que altere o status especial da cidade é “moral e juridicamente inaceitável”.

Síria e África

No que diz respeito à situação na Síria, o Santo Sé reiterou a necessidade de uma transição de governo “pacífica e justa”. Foram acolhidos com satisfação os sinais de progresso democrático que emergem em vários países africanos, onde cresce o compromisso com “eleições multipartidárias”, participação cívica e reformas institucionais. No entanto, permanecem sérios obstáculos: “autoritarismos, reformas constitucionais arbitrárias e corrupção endêmica”, que minam a confiança dos cidadãos nas instituições. Zonas como o Sahel, Cabo Delgado e algumas áreas do Chifre da África são hoje epicentros de instabilidade, onde a “ameaça jihadista”, a pobreza, o tráfico ilícito, a crise climática e os conflitos internos se entrelaçam numa “espiral que ameaça a vida de milhões de pessoas”. Diante desses desafios, a resiliência das comunidades africanas — “em particular dos jovens” — continua sendo um recurso precioso, a ser apoiado com investimentos direcionados.

República Democrática do Congo

O agravamento da situação no leste da República Democrática do Congo preocupa profundamente a Santa Sé. Por um lado, considera-se positiva a assinatura do Acordo de Paz Global entre o governo local e o grupo armado M23, bem como o acordo alcançado entre os ministros das Relações Exteriores do Congo e Ruanda para pôr fim a décadas de conflito no leste do país africano. No entanto, permanece elevada a preocupação com novas ondas de violência: em julho passado, lembrou Gallagher, as Forças Democráticas Aliadas (ADF) realizaram um ataque brutal contra uma igreja em Komanda, na região de Ituri, matando mais de 40 fiéis. A retirada da missão de estabilização das Nações Unidas (MONUSCO) também levanta dúvidas sobre a capacidade de garantir a segurança e enfrentar os desafios em curso na região.

Sudão e Sudão do Sul

Gallagher também mencionou o conflito no Sudão, renovando, também neste caso, o apelo a um cessar-fogo imediato e ao início de negociações autênticas. “O grito de dor do povo sudanês deve ser ouvido, não há mais espaço para a indiferença”. Atenção especial também aos desenvolvimentos no Sudão do Sul, onde a Santa Sé convidou as forças políticas a seguirem com sinceridade e responsabilidade o caminho do diálogo e da colaboração, dando plena implementação ao Acordo de Paz assinado em 2018.

Narcotráfico e Caribe

A alimentar ondas de “violência extrema” está também a chaga do narcotráfico, em particular na América Latina. A par dos esforços conjuntos dos Estados para combater o tráfico de drogas, a Santa Sé apelou à urgência de investir no “desenvolvimento humano”. O secretário do Vaticano voltou então sua atenção para as crescentes tensões no Caribe, em particular no Haiti, onde o Vaticano espera que possam ser criadas as condições sociais e institucionais necessárias para permitir que o país trilhe o caminho da paz e da segurança. Mas também foi lembrada a situação na Nicarágua, com o desejo de que a liberdade religiosa e outros direitos fundamentais das pessoas e da sociedade sejam plenamente garantidos.

Sudeste Asiático

A Santa Sé também observa com crescente preocupação as tensões que atravessam o Sudeste Asiático. Em Mianmar, especificamente, onde após quatro anos e meio de guerra interna “a população está devastada”. Neste contexto de conflito, aumentam os fenômenos criminosos como os chamados *scam centers*: estruturas nas quais as vítimas do tráfico de seres humanos são forçadas a enganar usuários online, transferindo dinheiro para redes criminosas. De acordo com pesquisas recentes citadas pelo arcebispo, seriam dezenas de milhares – se não centenas de milhares – as pessoas presas nesses centros, localizados principalmente nas zonas fronteiriças entre Mianmar, Tailândia, China, Camboja e Laos. Uma indústria “multimilionária” que produz “milhões de vítimas” em todo o mundo. Nessa perspectiva, o Vaticano incentivou os processos de diálogo e cooperação promovidos pela Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN).

Balcãs e Cáucaso

A visão geral do contexto internacional foi concluída destacando a atenção da Santa Sé ao contexto balcânico, no qual os países “ligados à Europa por razões históricas, culturais e geográficas” aspiram a uma integração cada vez mais estreita com a União Europeia. É fundamental – sublinhou o Vaticano – que as diferenças étnicas, culturais e religiosas não se tornem motivo de divisão, mas, pelo contrário, um elemento de “enriquecimento” para o continente. No Cáucaso, a Santa Sé acolheu com satisfação os acordos de paz assinados em agosto passado entre a Armênia e o Azerbaijão, convidando ambas as partes a prosseguirem no caminho da reconciliação.

Reforçar um multilateralismo eficaz

No final do seu discurso, Gallagher reiterou o valor duradouro das Nações Unidas e o bem realizado em oitenta anos de história, sem esconder “as limitações e dificuldades” que hoje põem em causa a sua “credibilidade”. Estas fragilidades, porém, não devem obscurecer os sucessos alcançados, mas sim estimular um compromisso renovado com a sua reforma e revitalização, adaptando-a às necessidades do presente. “É importante”, afirmou o arcebispo, “resistir à tentação de substituir esses programas fundamentais por novas ideias” que correm o risco de distorcer a missão da ONU e seus quatro pilares: a promoção dos direitos humanos, a proteção da paz e da segurança internacional, o desenvolvimento sustentável e o Estado de Direito. Este último constitui a condição indispensável para qualquer ordem internacional justa. O aniversário das Nações Unidas – concluiu Gallagher – é uma oportunidade para reforçar seu papel de “farol de esperança” e força positiva a serviço das necessidades mais urgentes da humanidade.

Fonte: Vatican News

Do Brasil, Portugal, Moçambique e Timor Leste: os novos ministros da catequese instituídos pelo

Papa

Os países de língua portuguesa estavam representados entre os 39 leigos de 19 nações instituídos no ministério do catequista: 2 do Brasil, 2 de Portugal, 2 do Timor Leste e 4 de Moçambique, especificamente da região de Cabo Delgado, que há anos sofre com a violência: “damos catequese com todo sacrifício”, disse Cristovão. E Adérito acrescentou: “que Deus nos continue nos abençoando a continuar evangelizando quem não conhece Cristo, sobretudo na nossa diocese que é grande e tem poucos padres”.

Andressa Collet - Vatican News

Os nossos pais, dentro de casa e ao redor da mesa, recordou o Papa Leão XIV diante de 50 mil pessoas neste domingo (28/09) na Praça São Pedro, são os nossos primeiros catequistas. Mas o caminho “que conduz a Cristo” continua a ser apresentado pelo testemunho de quem continua nos acompanhando na fé: os catequistas, que “plantam no coração a palavra da vida para que ela dê frutos

de vida boa", continuou o Pontífice na homilia da missa pelo Jubileu dos Catequistas que instituiu 39 ministros de 16 países. Entre eles, 10 representantes de países lusófonos provenientes do Brasil, de Portugal, de Moçambique e Timor Leste.



Os catequistas instituídos ministros neste domingo (28/09) (@Vatican Media)

Do Brasil: anunciar a Palavra, mas antes, dar testemunho

Antes da celebração com o rito da instituição do ministério de catequistas, o Papa recebeu o grande grupo dentro da Basílica de São Pedro, "perto da imagem da Pietà de Michelangelo", confidenciou com o Vatican News, um dos dois brasileiros, o catequista da Amazônia, **Victor Paiva** da diocese de Castanhal, no Pará, que chegou a dar um presente a Leão XIV: o seu último livro, fruto da dissertação de mestrado, intitulado "Iniciação à Vida Cristã na Amazônia: fundamentos para catecumenatos amazônicos". Ao entregar, Victor disse que era "uma contribuição para a transmissão da fé na Amazônia. Dentro do livro tinha a carta de um catequizando que sonha em ser catequista, Arthur, um catequizando de Igarapé-Açú/PA. O Papa ouviu atentamente, sorriu e agradeceu", disse Victor ao acrescentar:

"O ministério a gente não recebe porque merece. De jeito nenhum. O ministério é o dom da graça de Deus. Um dom que é gratuito e é dado justamente para que a gente possa exercer melhor o serviço que já exercemos no coração da Igreja, talvez de uma forma mais bela e mais profunda. O Papa pediu que a gente seja testemunha da Palavra. Anunciadores, sim, mas antes de tudo, testemunhos. E é isso que eu levo no coração. Volto agora para a minha amada diocese de Castanhal, onde realizo a minha missão a esta Igreja à qual me dedico, porque foi justamente para ela que eu fui instituído catequista."



O livro de Victor sobre a Iniciação à Vida Cristã na Amazônia entregue a Leão XIV com a carta do catequista Arthur dentro

Assim como lembrou Victor, Leão XIV insistiu: "vocês, catequistas, são aqueles discípulos de Jesus que se tornam suas testemunhas". Mensagem também recebida por **Flavia Carla Nascimento**, da diocese de Ponta Grossa/PR, a outra representante brasileira no grupo dos catequistas instituídos pelo Papa: "queria partilhar com todos a alegria que invade o meu coração neste momento, o sentimento é de gratidão a Deus e a todos os catequistas da diocese de Ponta Grossa e do Brasil que fazem essa caminhada comigo". Flavia conseguiu presentear o Papa em duas oportunidades com bonecos

confeccionados artesanalmente em feltro por uma catequista, Angela Cristina Ribeiro: na audiência jubilar de sábado (27/09) deu a representação de Nossa Senhora Aparecida e, no domingo (28/09), o presente em feltro foi um "miniPapa".



Os bonecos confeccionados em feltro pela catequista Angela e presenteados ao Papa por Flavia De Portugal: maior responsabilidade, mas com Jesus ao lado

O ministério do catequista, instituído pelo Papa Francisco em 10 de maio de 2021, através do Motu Proprio *Antiquum Ministerium*, foi acolhido com muita gratidão também pelas duas leigas de Portugal. **Rita Alexandra Ortigueira Gonçalves dos Santos**, da Paróquia do Algueirão, a maior em número de habitantes do Patriarcado de Lisboa, disse que espera contribuir ainda muito com a Igreja com mais essa graça recebida: "peço a todos que rezem por mim por essa missão tão bonita". **Elisabete Maria Silva Nunes**, portuguesa da diocese de Aveiro, também compartilhou a sua emoção por ser instituída ministra da catequese pelo Papa em plena Praça São Pedro:

"Um sentido de responsabilidade imensa. Parecia que aquela cruz pesava ainda mais quando tínhamos que chegar até o Papa. Mas agora está mais leve um pouco. Ver e ser cristão é magnífico. É ótimo termos Jesus ao nosso lado."



Cerca de 50 mil pessoas acompanharam a celebração na Praça São Pedro e arredores (@Vatican Media)

De Timor Leste e Moçambique, mais 6 ministros instituídos

Do Timor Leste, país do sudeste asiático que também tem a língua portuguesa como oficial, vieram outros dois catequistas para serem instituídos ao ministério: Marçal Evaristo Soares e Adérito Ruben da Costa Freitas da arquidiocese da capital Díli. Já de Moçambique, um grupo de quatro catequistas, devidamente trajados e inspirados pelo Jubileu da Esperança, também foram instituídos ministros da catequese pela Papa Leão XIV. Todos fazem parte da diocese de Pemba, capital da província de Cabo Delgado, que têm uma gratidão especial pelo bispo local, dom António Juliasso Sandramo, "que tanto se esforçou para a vinda dos catequistas ao Vaticano", como disse Adérito Benjamin Monteiro, da Paróquia de Nossa Senhora da Consolata. Ele também compartilhou a esperança que carrega no coração diante do que enfrentam os catequistas da sua diocese:

"Nestas situações tão difíceis em que nos encontramos, precisamos de muita fé e oração. Mas também estou muito feliz por estar aqui. Uma graça imensa! E eu me pergunto algumas vezes desde

que cheguei aqui: o que eu fiz para merecer essa graça? Mas aí encontro a resposta no canto do Magnificat que Nossa Senhora deu, 'eis-me aqui'. E que seja feliz até a morte, porque esse ministério é até a morte. Então, que Deus continue nos abençoando para continuarmos evangelizando a quem não conhece Cristo, sobretudo na nossa diocese que é grande, tem poucos padres e o ministério de catequista é muito importante."

Cristovão Artur Micunda, da Paróquia Maria Auxiliadora, também comentou das dificuldades enfrentadas no dia a dia para carregar a cruz e educar o povo na fé naquela região norte e desafiadora de Moçambique, que há quase 10 anos tem que lidar com episódios de violência cada vez mais crueis e frequentes:

"A cada dia que passa, com todo o sacrifício, estamos fazendo a catequese. Nós, como catequistas, além de dar a catequese, cumprimos as celebrações da Palavra, e também os rituais de exéquias conseguimos fazer."



A instituição dos novos ministros da catequese foi realizada neste domingo (28/09) em missa com o Papa (@Vatican Media)

Paulo Agostinho Matica, da Paróquia São Bento de Palma, e Francisco Jamal Tarige, da Paróquia de Santa Isabel di Chiúre, mais dois moçambicanos a serem instituídos ministros da catequese pelo Papa Leão XIV, também agradeceram o bispo local, que inclusive tem sempre olhado o esforço dos jovens. Francisco inclusive pediu orações:

"Rezemos pela paz na nossa província! E aos nossos irmãos catequistas, que se encontram na zona de risco, em guerra ou que enfrentam dificuldades para aprofundar a catequese, tenham muita confiança em Jesus Cristo, que é a nossa esperança."

Colaboração: Pedro Quintans - Comunicação SNEC



De Moçambique, os 4 novos ministros da catequese (à esquerda na foto) instituídos pelo Papa (© Pedro Quintans)

Fonte: Vatican News

Gallagher: Santa Sé está preocupada com o elevado número de suicídios entre jovens

Duas declarações do secretário para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais foram entregues à ONU: "Os jovens devem ser apoiados para se tornarem arquitetos da paz". O foco em quem é excluído das oportunidades educacionais e de emprego.

Vatican News

O secretário para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais, dom Paul Richard Gallagher, entregou duas declarações na 80ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em 25 de setembro, em Nova York. Os textos referem-se a duas sessões de alto nível dedicadas, respectivamente, aos jovens e à saúde global.

Proximidade aos jovens, "arquitetos da paz"

Em seu primeiro discurso, dom Gallagher recordou o trigésimo aniversário do Programa de Ação Mundial para a Juventude, enfatizando como este aniversário representa "uma oportunidade para reafirmar o compromisso de apoiar os jovens para que se tornem arquitetos da paz, custódios da criação e construtores de uma sociedade mais justa". No entanto, alertou, as novas gerações enfrentam hoje sérios desafios que impedem seu crescimento e ofuscam a consciência de sua dignidade intrínseca: guerras, injustiças sociais, desigualdades, fome e exploração das pessoas e do meio ambiente. Entre as questões mais urgentes, dom Gallagher destacou a exclusão de um número significativo de jovens — especialmente mulheres — de oportunidades educacionais e de emprego. Em todo o mundo, mais de 20% dos jovens não estão envolvidos em educação, emprego ou formação, uma condição que, observou ele, "aumenta o risco de problemas de saúde mental e isolamento".

Preocupação com o elevado número de suicídios

Este é o ponto em comum entre as duas declarações. No segundo texto, apresentado na sessão dedicada à prevenção e ao controle das doenças crônicas não transmissíveis e à promoção da saúde mental, dom Gallagher expressou a "profunda preocupação" da Santa Sé com o elevado número de tentativas de suicídio que ocorrem a cada ano, ainda mais porque o suicídio é hoje "uma das principais causas de morte entre os jovens". A esse respeito, ele especificou que "o suicídio assistido, de qualquer forma, viola a ética médica e a dignidade humana, porque a dignidade de cada pessoa, por mais frágil ou sobrecarregada pelo sofrimento, é a dignidade de todos nós".

Um compromisso mais forte

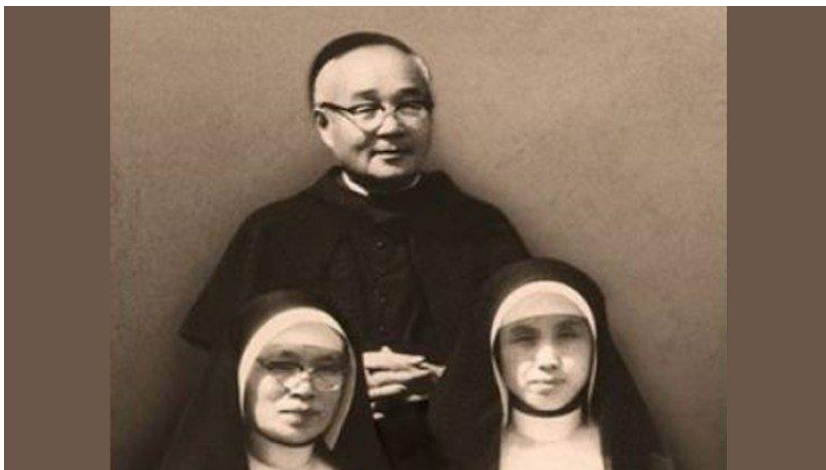
O secretário para as Relações com os Estados reiterou a urgência de um compromisso político renovado e de uma participação mais ampla para promover a prevenção e estilos de vida saudáveis, porque cada Estado, continuou, tem "o dever de cuidar dos mais necessitados". Dom Gallagher lembrou que os problemas de saúde mental continuam sendo "a principal causa de morte e deficiência em todo o mundo, particularmente em países de baixa e média renda". Concluiu, enfatizando o compromisso contínuo da Igreja Católica em fornecer cuidados de saúde e promover o bem-estar por meio de suas instituições, "especialmente para os pobres, os vulneráveis e os necessitados".

Fonte: Vatican News

"Nihil obstat" à beatificação do Pe. Leo Bang Yu-ryong, iniciador da vida monástica coreana

Em seu coração, ele desejava se tornar religioso para se aproximar ainda mais do amor de Deus, mas naquela época, na Coreia, havia apenas ordens religiosas estrangeiras. Ele percebeu que havia a necessidade de uma ordem religiosa que se adaptasse à mentalidade e ao espírito coreanos, ou seja, uma "congregação religiosa fundada por um coreano": ele acreditava que o meio mais eficaz de difundir a fé católica na Coreia era a língua e o modo de pensar coreanos.

Vatican News com Agência Fides



Padre Leo Bang Yu-ryong, fundador da Sociedade dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos

A comunidade católica de Seul anunciou ter recebido da Santa Sé o "*Nihil obstat*" (nenhum obstáculo) para o processo de beatificação do padre Leo Bang Yu-ryong (1900-1986), fundador da vida monástica coreana, enraizada no espírito dos mártires coreanos e considerado por unanimidade como um "ancestral da fé".

Dom Job Koo Yoo-bi, bispo auxiliar de Seul e presidente da Comissão Diocesana para Beatificação e Canonização, anunciou com alegria que a Arquidiocese de Seul está se preparando para iniciar a fase diocesana do processo, reunindo dados e testemunhos que demonstram as virtudes heroicas e a reputação de santidade do Pe. Bang Yu-ryong, que será assim declarado "Servo de Deus".

Padre Bang Yu-ryong nasceu em 6 de março de 1900, em uma família católica na Coreia, ainda não dividida. Cresceu reconhecendo e suportando a perseguição aos cristãos na Coreia, primeiro durante a Dinastia Joseon e depois durante o imperialismo japonês. Em 1917, ingressou no seminário com a intenção de se tornar sacerdote. Durante esses anos, no Seminário Menor de Yongsan, a leitura de livros devocionais e as visitas a mosteiros fomentaram nele uma atração pessoal e a compreensão da necessidade da vida monástica para a Igreja local.

Foi ordenado em 1930 e iniciou seu serviço como assistente de pároco na Paróquia de Chuncheon, Província de Gangwon, depois na Paróquia de Jangyeon, Província de Hwanghae, e em 1933 foi nomeado pároco na mesma província.

Ele aboliu o antigo costume de separar meninos e meninas da igreja a partir dos sete anos de idade, comprou e instalou o primeiro órgão e criou um coral juvenil, revitalizando as atividades e o ministério juvenil. Além disso, enquanto era pároco, padre Bang demonstrou um amor especial pelos aspirantes a monges, guiando-os espiritualmente com afeição e sabedoria.

Em seu coração, ele desejava se tornar religioso para se aproximar ainda mais do amor de Deus, mas naquela época, na Coreia, havia apenas ordens religiosas estrangeiras. Ele percebeu que havia a necessidade de uma ordem religiosa que se adaptasse à mentalidade e ao espírito coreanos, ou seja, uma "congregação religiosa fundada por um coreano": ele acreditava que o meio mais eficaz de difundir a fé católica na Coreia era a língua e o modo de pensar coreanos.

Animado por esse espírito, em 21 de abril de 1946, ele fundou a primeira congregação religiosa feminina coreana, junto à Igreja Católica em Kaesong (hoje na Coreia do Norte). Aquele 21 de abril de 1946 caía no primeiro domingo de Páscoa após a libertação da Coreia, em 15 de agosto de 1945, e no centenário do martírio do Pe. Andrew, Kim Dae-Geon. As cofundadoras, Irmã Yun Byeong-Hyeon e Irmã Hong Eun-Sun, iniciaram a história da congregação juntas, vestindo o mais humilde hábito coreano, um Jeogori branco e uma saia preta.

O sacerdote entendeu que o cerne da vida religiosa coreana é perpetuar o espírito dos mártires coreanos, "ancestrais na fé". Por isso, ele nomeou a Congregação de "Irmãs dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos", com o carisma de "propagar o Evangelho de Cristo em espírito de amor fraterno e de martírio para a glória de Deus e a santificação de cada membro da Congregação" e nomeou os mártires coreanos como santos padroeiros da congregação. As Irmãs logo fundaram uma escola primária e uma Academia feminina e, em 8 de março de 1950, mudaram-se para sua atual sede em Seul.

A Guerra da Coreia eclodiu em 25 de junho de 1950 e, em 1º de dezembro daquele ano, o padre Bang Yu-ryong foi nomeado pároco da Paróquia de Jegi-dong, na Diocese de Seul. Em 12 de dezembro

de 1951, enquanto a guerra ainda estava em curso, ele recebeu a aprovação oficial da Santa Sé para estabelecer a Sociedade dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos. Em 30 de outubro de 1953, ele fundou a "Congregação dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos", a primeira ordem religiosa masculina autóctone, concretizando assim a intenção original de estabelecer uma ordem religiosa masculina e feminina dedicada à espiritualidade dos mártires coreanos.

Em março de 1957, ela fundou a "Terceira Ordem das Irmãs dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos", uma ordem secular que compartilhava a o mesmo carisma na vida laical; e em outubro de 1962, ele permitiu que as Irmãs Yun Byeong-hyeon e Hong Eun-sun fundassem a "Sociedade das Irmãs da Palma dos Mártires Coreanos", uma comunidade feminina para mulheres casadas e viúvas, que passou a ser o quarto ramo da grande família da Sociedade dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos, existente ainda hoje.

Em 6 de maio de 1957, o próprio Pe. Bang Yu-ryong professou os votos perpétuos na Sociedade dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos, por ele fundada, realizando seu sonho espiritual de ser uma pessoa consagrada, e mudou sua filiação como sacerdote da Diocese de Seul para sacerdote religioso. Posteriormente, dedicou toda a sua vida à vida ascética, dedicando-se a ser o guia espiritual de pessoas consagradas e leigos, homens e mulheres, na Sociedade dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos. A espiritualidade da Sociedade dos Bem-Aventurados Mártires Coreanos, em todas as suas vertentes, afirmava que consiste em dedicar a vida a Cristo por meio da meditação, do silêncio e da transcendência, mesmo nas atividades cotidianas, entregando-se incondicionalmente aos outros. Ele faleceu em 24 de janeiro de 1986.

Além do processo do padre Bang Yu-ryong, a Arquidiocese de Seul está atualmente acompanhando as causas de beatificação de duas outras importantes figuras católicas: o bispo Barthelemy Bruguière (1792-1835), da Sociedade para as Missões Estrangeiras de Paris, o primeiro vigário Apostólico da Coreia; e o cardeal Stephen Kim Sou-hwan (1922-2009), arcebispo de Seul de 1968 a 1998 e o primeiro cardeal coreano autóctone.

Fonte: Vatican News

Pizzaballa: milhares de invisíveis na Terra Santa, a Igreja escuta sua voz

Na Missa pelo Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, o cardeal refletiu sobre os muitos “Lázarus” que vivem na Terra Santa. Para Pizzaballa, a Igreja é chamada a ouvi-los, dando-lhes um nome e um rosto.

Vatican News



O cardeal Pizzaballa celebra a missa em Jerusalém na Jornada do Migrante. (créditos: site do Patriarcado Latino de Jerusalém)

“A migração é hoje um fenômeno global, presente em todos os lugares, que exige respostas globais e que a comunidade internacional não pode ignorar.” Foi o que disse o Patriarca Latino de Jerusalém, cardeal Pierbattista Pizzaballa, na homilia da Missa celebrada em 27 de setembro, no Centro Notre Dame de Jerusalém, por ocasião Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. O cardeal destacou que levantar barreiras não é a solução, “porque as barreiras representam medo, apagam qualquer promessa de futuro e revelam nossa falta de visão”. Ele também falou sobre as famílias da Terra Santa que, “por causa do conflito e de suas consequências, são obrigadas a partir para oferecer melhores oportunidades aos filhos”.

Não enxergar o outro

A reflexão do Patriarca se apoiou em duas expressões do Evangelho do domingo: “ter um nome” e “ver”. No texto bíblico, o pobre tem nome, o rico não. “Ter um nome – disse Pizzaballa – significa ter identidade, história, rosto, família, fazer parte de uma comunidade. Em resumo, significa existir para alguém.” Sobre o “ver”, destacou que só se vê com o coração, um coração aberto ao outro. Muitas vezes, isso não acontece: não percebemos sequer quem vive ao nosso lado. “Vemos isso no mundo inteiro, onde milhões são forçados a deixar suas casas, famílias e países em busca de melhores oportunidades para si e para os seus, ou simplesmente para sustentar quem ficou.”

Permanecer invisíveis

Falar de migração é muitas vezes difícil. Especialmente na Terra Santa, ela permanece escondida, mas “é evidente para quem presta atenção ao que acontece à sua volta – disse o cardeal – que envolve milhares de pessoas que não podem continuar invisíveis”. Assim como feridas profundas deixam cicatrizes, crianças e jovens obrigados a abandonar o lugar onde cresceram para viver em um país desconhecido ficarão com marcas. Há também pessoas “sem qualquer garantia legal, correndo o risco de serem expulsas a qualquer momento, sem recursos e sem chance de consegui-los, forçadas – como o Lázaro do Evangelho – a viver de migalhas”.

Os horrores do conflito

Na lista dolorosa de Pizzaballa estão ainda aqueles que vivem em condições de trabalho humilhantes, especialmente crianças que não têm a possibilidade de viver uma vida tranquila em família, obrigadas a migrar para um país estrangeiro e nem sempre amigo. “Penso – disse ele – naqueles que, nos últimos dois anos, sofreram tragicamente os horrores do conflito, mortos nesta guerra: em 7 de outubro nos kibutz, nos últimos meses atingidos por foguetes vindos do Líbano e, mais recentemente, em Tel Aviv durante a guerra com o Irã.”

O papel da Igreja

Essas são pessoas invisíveis, sem nome, que fazem “parte da vida desta Terra Santa, contribuindo para seu desenvolvimento social e econômico e vivendo a mesma realidade de violência, às vezes até a morte”. Nesse contexto, o papel da Igreja é claro: escutar suas vozes e dar-lhes um nome. “Esta é a nossa missão: devolver dignidade e identidade a pessoas que muitos prefeririam não ver nem encontrar, mas que existem, são reais e esperam nossa resposta. Pois é o próprio Senhor que, através dessas pessoas, bate à nossa porta. Ele dirige seu olhar a nós e provoca nossa consciência. Não podemos ignorar. Não podemos ficar em silêncio.”

Por fim, o Patriarca agradeceu aos israelenses “que trabalham para ajudar e defender os direitos dos muitos Lázaros que vivem aqui, e também àqueles que os recebem em suas casas para trabalhar, tratando-os com respeito e dignidade”.

Fonte: Vatican News

Cardeal Sako: menos de 70 famílias cristãs permanecem em Mossul

O Papa Francisco visitou o Iraque entre 5 a 8 de março, naquela que foi a 33ª Viagem Apostólica de seu Pontificado e que teve por lema "Sois todos irmãos". Na manhã do domingo, 7, Francisco foi a Mosul para uma cerimônia de oração pelas vítimas da guerra no Iraque. Na sua saudação sublinhou: "Hoje, apesar de tudo, reafirmamos a nossa convicção de que a fraternidade é mais forte que o fratricídio, que a esperança é mais forte que a morte, que a paz é mais forte que a guerra".

Vatican News com Agência Fides

Em Mossul, outrora uma cidade multiétnica, lar de pelo menos 50.000 batizados, vivem atualmente menos de setenta famílias cristãs. E em todo o país, os cristãos, que antes ultrapassavam um milhão, agora somam menos de 500.000.

Estes são alguns dos números apresentados pelo cardeal iraquiano Louis Raphael Sako, Patriarca da Igreja Caldeia, durante seu discurso em 24 de setembro em Viena a diplomatas e políticos austríacos sobre a atual situação dos cristãos no Iraque.

Nas últimas duas décadas, observou o Patriarca na ocasião, as comunidades cristãs no Iraque têm suportado imenso sofrimento, encontrando-se em posição vulnerável, apesar de representarem "a população original do território". A situação dos cristãos tem sido enfraquecida "devido a conflitos sectários, à presença de organizações extremistas como a Al-Qaeda e o ISIS, milícias e gangues

criminosas, à discriminação no emprego, à opressiva 'Lei do Estatuto Pessoal' e à islamização de menores".

Além disso, "uma milícia fundada em 2014 afirma representar os cristãos, o que não é verdade". Todos esses são fatores que continuam a empurrar os cristãos iraquianos para o êxodo forçado de sua terra natal.

Entre as medidas de curto prazo a serem implementadas para conter o êxodo, o Patriarca enfatizou a urgência de "garantir proteção real" às comunidades cristãs da Planície de Nínive "por meio da colaboração com a Polícia Federal e não com as milícias" e a necessidade de "restituir os bens saqueados e compensar financeiramente as perdas sofridas", a fim de "criar um ambiente favorável com incentivos para encorajar o retorno de emigrantes cristãos, particularmente aqueles que vivem em países vizinhos".

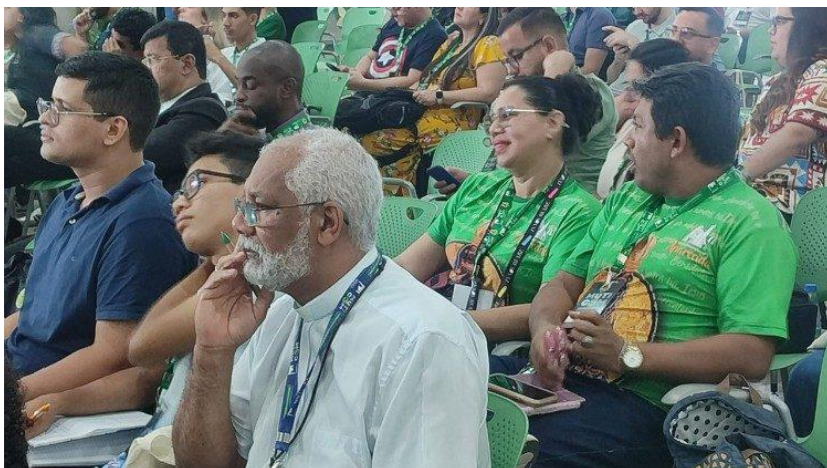
Olhando para o futuro, o cardeal Sako reiterou a necessidade de promover o desenvolvimento de um Estado onde a lei garanta os direitos de todos os cidadãos, independentemente de sua filiação religiosa, superando a mentalidade sectária e a cultura tribal. Um Estado fundado nos princípios de igualdade e cidadania, garantido por uma "Constituição laica".

Fonte: Vatican News

Dom Zenildo Lima: uma comunicação carregada de sentido e anúncio profético

“Mais do que comunicações muito imediatas, sejam muito carregadas de sentido, de significado, de conteúdo e de anúncio profético”. Essas foram as palavras de Dom Zenildo Lima, o bispo auxiliar de Manaus e referencial para a Comunicação do Regional Norte 1, em mensagem aos comunicadores reunidos na 14ª edição do Mutirão de Comunicação (Muticom). O evento buscou refletir a comunicação pautada na Ecologia Integral e na Sustentabilidade e realizou de 25 a 28 de setembro, na Arquidiocese de Manaus.

Emmanuel Grieco Nascimento - Manaus



Dom Zenildo Lima: uma comunicação carregada de sentido e anúncio profético

Ele faz um apelo a todos os comunicadores participantes do evento, mas que se estende aos “agentes de pastorais de comunicação, de organismos de comunicação eclesial”. Para que “aprofundem na reflexão, que conheçam os conteúdos”. Já que o modo de ser da sociedade tecnológica estimula uma “ânsia, o desejo muito forte de furo de reportagem, de apresentar logo uma publicação”, mas que “não pode transcurar, não pode descuidar da profundidade do seu conteúdo”.

Essa mensagem surge de uma inquietação sentida pelo bispo ao perceber que “até mesmo aqui neste encontro, neste mutirão, uma necessidade muito grande, para não dizer uma avidez, de registro e de publicação”. Ele recorda que no decorrer do mutirão de comunicação “nós fomos alertados” da importância de que “nós sejamos dominadores do conteúdo que a gente quer publicar”, destacou o referencial da comunicação.



14º edição do Mutirão de Comunicação (Muticom).

Amazônia como palco de narrativas construídas na escuta

Ao comentar a importância de o evento acontecer na Amazônia, Dom Zenildo Lima, reforçou que se trata “um esforço da Igreja do Brasil, da Igreja Católica, de somar com outras vias de comunicação”. Esse esforço, é para que a “atualíssima questão da Ecologia Integral” seja capaz de gerar narrativas e esclarecer notícias que não são verdadeiras.

“É providencial que o encontro aconteça aqui na Arquidiocese de Manaus, porque no chão da Amazônia e a reflexão a partir do lugar tem a possibilidade de vermos as perspectivas do território, de escutarmos as vozes de sujeitos locais. E é muito importante que não somente a Igreja Católica, mas a sociedade como um todo consiga de fato pautar a Ecologia Integral”, explicou o bispo.

As dimensões expostas pelo evento se somam a necessidade de compreender o momento histórico vivido pelo país. Isso porque há um enfrentamento de um “projeto de lei que fragiliza a legislação ambiental”. Por isso, é fundamental, segundo Lima, que “tenhamos a força a partir de ferramentas de comunicação para efetivarmos o cuidado com a Casa Comum”.



14º edição do Mutirão de Comunicação (Muticom).

O itinerário temático

Os painéis e rios temáticos trouxeram elementos muito importantes para o itinerário de construção do discurso da comunicação nas igrejas locais. É fundamental que as discussões feitas ajudem a formar um discurso autêntico das problemáticas ambientais. Nessa perspectiva, diversos pontos de vistas devem ser considerados, inclusive “do ponto de vista científico” como destaca Dom Zenildo.

“o aquecimento global não é uma falácia, não é uma invenção, mas é uma realidade comprovada, cientificamente comprovada. Nós tivemos a possibilidade de compreender que hoje nós temos não somente uma pauta de comunicação, mas para usar uma expressão apresentada aqui, uma comunicação necessária”, disse o bispo.

Essa comunicação necessária considera também “as vozes dos sujeitos locais”. E a experiência compartilhada “a partir do território, a partir dos sujeitos locais tem o seu impacto na globalidade, na realidade nacional” o que consolida os argumentos em defesa da Casa Comum. Embora se apresentem em diferentes abrangências, convidam para um caminho unificado.

“O aquecimento global e todas as ameaças são uma realidade, é uma ameaça verdadeira e crescente. A articulação das forças locais, mas também as articulações nacionais são necessárias e isso nós podemos ver a partir de diversos caminhos que os nossos rios temáticos têm nos ajudado” finalizou Dom Zenildo.

Fonte: Vatican News

Irmã Joana Puntel: “a cultura digital não é mais online ou offline, ela é onlife”

A irmã Joana Puntel acaba de completar 80 anos. Em vez de receber presente, ela tem nos presenteado, junto com Marcus Tullius, com mais um livro: “Pastoral Digital: uma mudança paradigmática”. A religiosa paulina é uma das assessoras do Mutirão Brasileiro de Comunicação (MUTICOM), que acontece em Manaus de 22 a 28 de setembro de 2025, onde esta obra será lançada.

Padre Modino Manaus

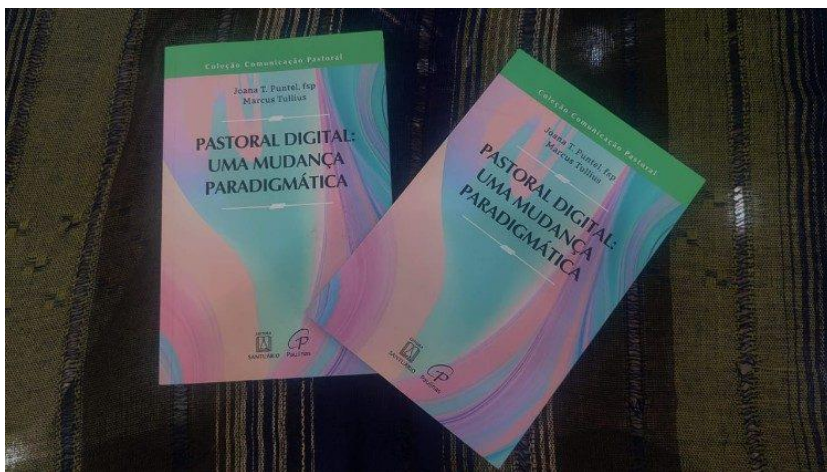


Irmã Joana Puntel

Ela considera “muito importante que esse MUTICOM esteja se dedicando, a comunicação esteja se dedicando a levar adiante o tema da ecologia integral”. A religiosa destaca o impacto que a encíclica Laudato Si, do Papa Francisco, teve no mundo todo, “ele que ajudou a criar muito a mentalidade sobre essa questão de que tudo está interligado”, explicando o que isso significa. Daí a relevância da comunicação se engajar dentro dessa temática, “ela escolhe essa temática para ser algo que ajude a avançar na mentalidade, primeiro de tudo, porque as coisas podem se tornar gastas de tanto repetir e, às vezes, não ter ação”.

A Ir. Joana Puntel vai assessorar no MUTICOM sobre a educomunicação para a formação cidadã. Ela vai tratar sobre a questão do ser humano, “o ser humano que precisa ser formado para isso”, ressaltando que “educação e comunicação, elas estão interrelacionadas”. É por isso que “a educação que você dá para uma pessoa, o que você vai desenvolver, ela precisa estar ligada a tudo o que você vai fazer, o que você é antes de tudo como pessoa. Então os valores que você tem, os valores, a honestidade, a fraternidade, o respeito, a dignidade pelo outro”.

“Conforme você é na sua vida, você também vai tratar não só os outros, mas todo o planeta, tudo o que está ao seu redor. E aí, então, você também tem razões profundas e vai se aperfeiçoar mais, digamos assim, com bibliografias, para você discutir também isso no contexto”, afirma a religiosa. Ela destaca a necessidade da formação humana, da formação cidadã para a cidadania. Partindo de que tudo está interligado, sublinha que “você é uma pessoa que precisa saber como que você trata os outros, porque, como diz assim um grande professor, nós não nascemos prontos, a humanidade não nasce pronta, ela se forma”.



“Pastoral Digital: uma mudança paradigmática”

Entrar na cultura digital

Sobre a temática do livro que está sendo lançado, ela afirma que “a pastoral digital não é uma pastoral diferente da pastoral de comunicação, mas é ajudar a pastoral da comunicação que nós já conhecemos a entrar cada vez mais dentro de uma cultura que é uma cultura digital. Não é simplesmente usar os meios, mas é dentro desse todo que nós vivemos numa cultura digital. E a cultura digital não é mais online ou offline, ela é onlife”, fazendo referência ao novo paradigma de Luciano Floridi, “onde leva em conta a pessoa, porque infelizmente quando se fala em comunicação, se pensa em meios”, inclusive na Pastoral da Comunicação. A irmã Puntel insiste em, sem deixar os meios de lado, incluir a pessoa nisso.

Um livro dedicado à memória do Papa Francisco, que é definido como pastor da escuta e do discernimento, comunicador exemplar. A religiosa paulina vê Papa Francisco como alguém que praticou o que ele disse sobre comunicação, “que é essa escuta, ser firme, porque escutar e deixar fazer a mesma coisa não é realizar a comunicação.” O livro mostra que Francisco é um homem do processo, que leva a se perguntar “quais são os sinais dos tempos para você poder entrar em diálogo com o contexto de hoje”, uma reflexão que aparece numa conferência que ele fez para a Cúria Romana no Natal, “onde ele mostra essa questão dos processos que precisa abrir”, superando dinâmicas que levam a ficar parado, dando passos que levem a prestar atenção aos sinais dos tempos hoje.

Algo que leva a refletir sobre a Inteligência Artificial, “que não se trata só de uma ferramenta, é de tudo que ela está provocando no ser humano, no sentido de repensar, de nova antropologia”, reflete a irmã Puntel. Ela destaca a necessidade de “escutar os sinais dos tempos, porque é ali que o Espírito fala também”.



Irmã Joana Puntel

O ‘onlife’

Aprofundando no conceito ‘onlife’, a religiosa fala dos manguezais, onde convivem a água doce e a água salgada, uma metáfora usada por Luciano Floridi. O filósofo italiano defende que não é igual antigamente quando era ligado ou desligado um aparelho, hoje “você está continuamente ‘onlife’, porque a comunicação, o digital, ele está ao redor, ele está no que você pensa, não é mais assim que você puxa a gavetinha para dizer aqui está o digital. Nós nos movemos dentro desse digital, seja por

aquilo que nós queremos usar no negócio, seja por aquilo que nós queremos consumir, você está continuamente ligado”.

A religiosa vê esse fenômeno especialmente presente entre os jovens, falando da síndrome do FOMO (fear of missing out), o medo de ficar fora das novidades e eventos das redes sociais. Isso leva a ter a necessidade de sentir a vibração do celular, o que “mostra que nós vivemos dentro de um todo que se movimenta.” Nesse sentido, “quando a gente fala que tudo está interconectado, é nesse sentido, tudo. E isso está ficando assim, planetário.” A irmã Puntel lembra que agora saiu um livro chamado “A Soberania Planetária”, que é a questão da inteligência, as camadas neuronais.

Magistério e Inteligência Artificial

Diante do receio frente à Inteligência Artificial, também em ambientes eclesiais, a religiosa paulina destaca a importância de conhecer o Magistério da Igreja em relação a essa temática. Ela lembra a mensagem de Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz de 2024, afirmando que “quem quiser saber o que é a Inteligência Artificial e como é que a igreja se comporta, vai lá olhar essa carta”, aparece o tema da ética. Uma reflexão que tem se dado em diversos momentos, enfatizando que “a dignidade humana precisa ser defendida na Inteligência Artificial”.

A religiosa insiste na necessidade de a Igreja reconhecer os progressos que nascem da Inteligência Artificial, “para a medicina, para a engenharia, para tanta coisa, serve. Mas sempre precisa estar a serviço da pessoa humana. E nós sabemos que tem muitas coisas ali pelo meio que estão a serviço das grandes big techs”, que faz primar o que os algoritmos lá dentro fizeram. Diante disso, sublinha que “quem colocou os programas lá foi o humano. Frente à análise das produções, “hoje a Igreja chama atenção com a questão da algorética, a ética do algoritmo”, uma reflexão que desenvolve frei Paolo Benanti. Daí a importância de formar aqueles que programam os algoritmos, segundo a irmã Puntel.

Diante da realidade da geração digital e a pergunta se Deus pode estar presente no celular e nesse espaço Ele se comunica, a religiosa parte da premissa de que “Deus está presente em todo lugar”. A irmã Puntel disse trabalhar e seguir os aportes da pesquisadora da PUC de São Paulo, Lúcia Santaella, “e ela trabalha muito com a questão cognitiva, a questão das camadas neuronais.” A pesquisadora defende a necessidade de começar com a ética com as crianças, não com regrinhas, mas com comportamento, o que demanda acompanhamento das crianças, também quando elas estão com o celular, dado que “isso aí penetra dentro do coração dele”.

Proposta a seguir na Pastoral Digital

Na Pastoral Digital, a irmã Joana Puntel destaca três pontos importantes: estarmos atentos ao contexto, quais são os sinais dos tempos hoje; os novos paradigmas, que é o ‘onlife’; as pistas para você levar adiante uma pastoral que leva em conta os caminhos para uma pastoral digital, segundo recolhe o capítulo VI do livro, que no prefácio, dom Joaquim Mol Guimarães pelo começar por ele a leitura. A religiosa destaca alguns verbos que, no livro, “apontam atitudes e processos existenciais que devem orientar a ação pastoral da Igreja na cultura digital: sair, anunciar, habitar, educar, transfigurar, transfigurar, dar rosto cristão à cultura digital, formar comunidades conscientes online”.

A irmã Joana Puntel destaca a importância das paróquias criar comunidades online, inclusive com as pessoas idosas, “isso vai unindo a comunidade”, dado que “é aquilo que nós estamos vivendo.” A religiosa insiste na importância das pistas da ação para a pastoral digital, como é incorporar o Magistério ao planejamento pastoral; promover a formação permanente; partir do sentido da missão; fomentar o diálogo entre fé e ciência.

Fonte: Vatican News

“A Voz de Hind Rajab” denuncia a tragédia das crianças em Gaza

Vencedor do Leão de Prata – grande prêmio do júri na 82ª Mostra de Veneza, o longa da cineasta tunisiana Kaouther Ben Hania emociona e faz refletir sobre a desumanidade da guerra. Um filme que é relato, mas, sobretudo, denúncia e testemunho de um horror que parece não ter fim.

Gaetano Vallini – Vatican News

“Defina criança.” Ao final da exibição do filme A voz de Hind Rajab, que reconstrói com realismo cru as últimas horas de vida de uma menina palestina de seis anos, morta por soldados israelenses em Gaza, é essa infeliz frase que volta com força à memória. Ela foi dita há alguns dias por um representante de uma associação de amigos de Israel, durante um debate televisivo na Itália, para

justificar a morte de menores na Faixa. O interlocutor ficou chocado; o público, indignado. E aquela indignação agora se transforma em repulsa.



Fotograma do filme "A Voz de Hind Rajab", em que é mostrada uma foto real da menina.

É verdade: tudo começou com o abominável ataque terrorista do Hamas, em 7 de outubro de 2023. Um ataque desumano, de uma barbárie horrenda. Mas a reação que veio depois já escancarou sua desproporção: uma fúria cega, que não distingue terroristas de civis e que já fez dezenas de milhares de vítimas — muitas delas crianças. Hind Rajab era uma delas.

A voz que dilacera

O filme de Kaouther Ben Hania, premiada e aplaudida de pé no festival de Veneza, é um documento devastador, de tirar o fôlego. Porque a história não só é real: a voz que se ouve, pedindo desesperadamente ajuda ao telefone, é a da própria Hind, registrada pela central da Meia-Lua Vermelha — o equivalente à Cruz Vermelha nos países islâmicos — em Ramallah, na Cisjordânia.



Cena do filme mostra operadores da Meia Lua Palestina na cidade de Ramallah, Cisjordânia.

Era 29 de janeiro de 2024. A central recebeu a ligação de Liyan Hamada, uma jovem de 15 anos presa dentro de um carro atingido por um tanque israelense, junto da prima Hind. No veículo, os tios e três primos da menina morreram na hora. Pouco depois, também Liyan foi morta pelo fogo contínuo. Então, quem fala é Hind. Por três horas os atendentes permanecem na linha, tentando acalmá-la, enquanto lutam para enviar uma ambulância pela zona sitiada.

O espectador é lançado nesse cenário de guerra alucinante. Na tela aparecem apenas os operadores da central (os únicos atores do filme), tentando responder ao pedido angustiante — “Salvem-me!” — da pequena Hind, sozinha entre os corpos da família. Nos olhos e palavras deles vemos, pouco a pouco, a espera, a esperança, a impotência e enfim a frustração e a raiva diante do horror vivido pela menina, que pode morrer a qualquer instante se a ajuda não chegar.

Mas, em tempos de guerra, a burocracia é cruel: foram necessárias três horas para liberar uma ambulância que levaria apenas oito minutos para alcançá-la. A salvação, no entanto, não veio: a ambulância foi atingida a poucos metros do carro, e tanto o motorista quanto o médico morreram sob o fogo israelense.

Um grito contra a guerra

A voz de Hind Rajab é um filme angustiante, dolorosamente comovente. Um filme necessário: porque a voz de Hind é o grito da humanidade contra o absurdo da guerra — desta e de todas. A diretora não precisa usar retórica pacifista para denunciar os horrores e a desumanização que transformam o outro em “inimigo”, a ponto de não se perceber se a pessoa diante de si é realmente um perigo, mesmo quando é uma criança.

O recurso narrativo, o tom documental com ritmo intenso e crescente carga dramática, devolvem ao cinema todo o seu poder de evocação e sua força de denúncia. Aqui, além da reconstrução fiel do ambiente de trabalho da Meia-Lua Vermelha, só resta a dura realidade, que exige ser mostrada como é, para se tornar testemunho potente do que acontece em Gaza — o que especialistas da ONU já chamam de genocídio. O cinema pode ajudar a não esquecer. Não por acaso, nomes como Brad Pitt, Joaquin Phoenix, Alfonso Cuarón, Jonathan Glazer e Rooney Mara entraram como produtores para apoiar a mensagem e a visibilidade do filme.

“Defina criança.” Pois bem: criança era Hind, morta em um carro crivado por 355 balas. Crianças eram as trucidadas pelo Hamas em 7 de outubro. Crianças são os milhares de corpos retirados dos escombros de Gaza, envolvidos em sudários brancos e abraçados pelos pais sem lágrimas. Crianças eram os dois irmãos filmados fugindo sozinhos de Gaza City — o mais velho, descalço e em prantos, carregando o menor nos ombros. É isso o que são hoje as crianças daquela terra, assim como as que morrem na Ucrânia, no Congo, no Sudão: vítimas inocentes. Será suficiente como definição?

Fonte: Vatican News

Drones russos sobre a Europa: da guerra aos medos ancestrais

Entre os muitos alvos da "guerra híbrida" de Moscou, a Moldávia, que realizou eleições parlamentares no domingo, 28 de setembro. Neste meio tempo, as aeronaves anônimas que circulam pelos os céus da Europa erguem-se como totens ameaçadores, evocando aquele xamanismo das raízes siberianas que, na Rússia atual, é uma das expressões mais radicais da "defesa dos valores tradicionais" contra a depravação ocidental.

*Pe. Stefano Caprio**

Objetos voadores não identificados aparecem cada vez mais nos céus de países europeus, da Polônia à Dinamarca e Noruega, da Estônia à Romênia, bloqueando aeroportos e gerando temores sombrios sobre uma possível e irrefreável escalada da guerra entre a Rússia e o Ocidente. Os comandantes da OTAN procuram manter a calma, condenando essas incursões como "detalhes de um quadro maior causado pelo comportamento irresponsável de Moscou".

Em 23 de setembro, o serviço de inteligência da OTAN anunciou ter destacado algumas divisões para a Romênia, perto da fronteira com a Moldávia, e que grupos militares da França e da Grã-Bretanha também haviam chegado a Odessa, na Ucrânia, para "controlar a área próxima à Transnístria". Entre os muitos alvos da "guerra híbrida" da Rússia, a Moldávia parece ser um dos mais próximos e simbólicos, juntamente com a Estônia, onde os russos se sentem compelidos a impor sua "missão de salvação" aos povos historicamente ligados a Moscou. Em Chişinău, são rejeitados alarmes sobre a influência, principalmente em função eleições parlamentares realizadas em 28 de setembro.

O objetivo do Kremlin, após ter imposto o horror da guerra, é espalhar o medo pelo futuro, criando ainda mais tenhas lançado um apelo ao eleitorado, instando-o a apoiar as forças pró-europeias, já que "a Rússia está gastando centenas de milhões de dólares para comprar os votos dos cidadãos moldavos" e colocar no poder seus capangas, enquanto os serviços de inteligência russos espalhavam informações falsas sobre a intenção da União Europeia de “ocupar a Moldávia”, publicando declarações de que “os eurocratas de Bruxelas têm toda a intenção de manter os moldavos no caminho da política russofóbica”.

O propagandista mais bombástico da Rússia, o apresentador de televisão Vladimir Solov'ev, acusou Sandu de compra de votos, afirmando que “ela conseguiu se tornar presidente comprando 300.000 votos, o que, considerando os 3 milhões de pessoas que vivem na Moldávia, não é uma porcentagem ruim”. Da Rússia, o oligarca moldavo exilado Ilan Shor continua a fomentar a oposição à presidente e ao governo em Chişinău, com uma rede de partidos que são regularmente dissolvidos e depois reformados sob outras aparências. Rumores de uma "ocupação europeia" da Moldávia alimentam cada vez mais um conflito generalizado entre pró-russos e russófobos em todos os países da UE.

Putin acusa abertamente a OTAN de "colocar em risco a estabilidade estratégica" e, por isso, o tratado com os EUA sobre armas estratégicas não será renovado em fevereiro, garantindo que "a Rússia é capaz de responder a qualquer ameaça presente e futura, e não com palavras, mas com medidas militares e tecnológicas", como afirmou durante a reunião do Conselho de Segurança do Kremlin.

O professor Alexander Astrov, da Universidade Centro-Europeia, considera que, "segundo Putin, a Europa não existe de fato; ela divide o mundo entre a Rússia e os Estados Unidos com base no potencial militar e tecnológico; O resto é só conversa" e, portanto, os europeus "podem ir fumar no corredor, enquanto Vladimir e Donald Trump concordam nas coisas importantes". Uma verdadeira "aliança transatlântica" não existe mais; aliás, hoje essa linha de acordo não diz mais respeito à Europa, mas está diretamente ligada a Moscou e Washington, tanto do Ocidente quanto do Oriente, como demonstrou o encontro no Alasca entre Putin e Trump.

Segundo a psicóloga e jornalista Kira Merkun, essa evolução das "ameaças celestiais" à Europa é mais uma evidência do conteúdo profundo da ideologia de Putin, que tem uma base religiosa que depende não tanto da ortodoxia cristã, mas do "paganismo xamânico", da necessidade de encontrar elementos que inspirem medo e afirmem a prevalência de forças obscuras. Além disso, a Rússia de hoje é bem representada por duas figuras simbólicas: o cantor Šaman, autor do hino-rock nacional *Ja russkij!*, "Eu sou russo e irei até o fim", e do xamã opositor da Iacútia (ou Yakutia, mas também conhecida como República de Sakha, *ndr*) Aleksandr Gabiščev, que há anos ameaça ir a Moscou para lançar uma maldição sobre Putin, e por isso está internado em um hospital psiquiátrico.

O xamanismo, que na Rússia é reconhecido como uma das "religiões tradicionais" menores depois da Ortodoxia, e pelo qual o próprio Putin demonstrou repetidamente alguma simpatia, baseia-se na agitação de totens ameaçadores, que os drones anônimos que esvoaçam ao redor representam com notável eficácia. Até mesmo os novos manuais russos de aviação e cosmonáutica contêm capítulos sobre xamanismo, já que a experiência dos xamãs evidentemente ajuda a se conectar com o Universo, favorecendo o sucesso de novos projetos tecnológicos. No fundo, também o marxismo-leninismo desempenhou um papel importante nas aventuras espaciais dos aeronautas soviéticos, e em Moscou dominam figuras totêmicas absolutas como o Mausoléu de Lenin na Praça Vermelha e o estonteante monumento a Yuri Gagarin, o primeiro homem no espaço, que se abre para a grandiosa Leninsky Prospekt, a avenida mais longa e solene da capital, que leva à Ucrânia.

Existem escolas de doutrina xamânica por toda a Sibéria, nas regiões mongóis de Tuva e Buriácia, mas também na Iacútia (ou Yakutia), e na região de Altai, na fronteira com a China, nas quais é possível se matricular quer por nascimento como por "chamado interior". Enquanto em Moscou e São Petersburgo, sistemas de defesa antiaérea estão sendo aperfeiçoados contra "drones amaldiçoados" da Ucrânia, na Sibéria e no Extremo Oriente russo, xamãs trabalham para repelir espíritos malignos, protegendo os depósitos de minerais e pedras preciosas que são cruciais para a economia russa em crise. A exaltação do xamanismo é uma das expressões mais radicais da "defesa dos valores tradicionais" contra a depravação ocidental e se encaixa perfeitamente com os rituais solenes da ortodoxia.

No final do verão, foi realizado um gigantesco festival do xamanismo, conhecido como *Sajanskoe Koltso*, "Anel de Sayan", no vilarejo de Šušenskoe, região de Krasnoyarsk, no sul da Sibéria, na confluência dos rios Shush e Yenisei, onde Lenin passou um período de exílio antes de se tornar o líder da revolução. Após a morte do líder mundial do proletariado, ali foi criado o museu memorial "O Exílio Siberiano de Lenin", que ocupa uma área de 6,6 hectares e apresenta 200 exposições de vários tipos, contando a vida, as atividades e até mesmo as "crenças" de Vladimir Ilič, em sintonia com as populações locais do final do século XIX e início do século XX, tendo ele permanecido naquele local de 1897 a 1900 e se casado com Natalia Krupskaya, não se sabe bem em que rito.

De fato, posteriormente, Lenin elogiou a "simplicidade, energia e dedicação" dos homens pobres da rica Sibéria, que se tornaram para ele uma inspiração para a defesa das classes oprimidas pelo capitalismo global. Nesse sentido, o xamanismo também pode representar a continuidade ideológica entre o império soviético e a Rússia de Putin, em formas arcaicas de religiosidade natural.

Não é por acaso que o símbolo do partido de Putin, "Rússia Unida", é o urso siberiano, o animal-totem dos habitantes da Rússia asiática, e o presidente do partido é Dmitry Medvedev, cujo sobrenome significa "Urso", e que regularmente realiza maldições rituais sobre o mundo inteiro,

testemunho vivo do provérbio russo segundo o qual "como presidente se pode renunciar, mas como sacerdote nunca". E como confirma a Merkun, "se embriaga e se enfurece, fomentando a agressão de sua tribo".

Até mesmo Lenin, no bosque de Šuš, se entregou a atividades selvagens, desenvolvendo uma paixão pela caça e encomendando com orgulho não qualquer fuzil de cano duplo Tula, mas uma arma da empresa belga "Auguste Francotte", e até o fim de seus dias, se deleitava em matar animais. Afinal, até Stalin, Khruščev, Brežnev, Černenko e Yeltsin eram caçadores ávidos, como o novo totem Vladimir Putin, que percorre as estepes tuvanas com seu amigo Sergei Shoigu em busca de feras e ama lançar e abater os drones da nova religião universal da Rússia. Os únicos líderes que não foram vistos com rifles nas mãos foram Andropov e Gorbachev, ambos nativos de terras ucranianas.

Em russo, existe o verbo *šamanit*, "criar confusão" à maneira dos xamãs, que parece ter sido cunhado primeiro pelos xamãs do Alasca, uma terra particularmente querida pelos russos e especialmente por Putin, dado o caos universal que ele está causando depois de visitá-la.

**Pe. Stefano Caprio é docente de Ciências Eclesiásticas no Pontifício Instituto Oriental, com especialização em Estudos Russos. Entre outros, é autor do livro "Lo Czar di vetro. La Russia di Putin". (Artigo publicado pela Agência AsiaNews)*

Fonte: Vatican News

Igreja/Portugal: Comissão Nacional Justiça e Paz pede que legislação sobre migrações respeite Direitos Humanos e promova integração

«Sempre que nos abrimos, prosperamos; sempre que nos fechamos, regredimos», assinala organismo católico



Foto José Sena Goulão/Lusa,

A Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP), da Igreja Católica em Portugal, pediu que a nova legislação sobre migrações respeite os Direitos Humanos e promova a integração de todos.

“Sabemos que sem normas, regulações, nenhuma sociedade sobrevive. Mas normas justas, que cuidem da segurança e que preservem os direitos humanos de todos, igualmente. Cuidar da segurança, muito mais do que verificar se os requisitos de entrada estão satisfeitos, é garantir que as condições de acolhimento e integração se verificam”, refere uma nota do organismo, enviada hoje à Agência ECCLESIA.

O documento, intitulado ‘Sempre que nos abrimos, prosperamos; sempre que nos fechamos, regredimos’, sustenta que “não pode haver direitos de acesso à saúde, educação, saúde ou trabalho, diferentes consoante a origem ou a cor”.

“Não pode haver direito à família, diferente”, acrescenta a nota, aludindo às propostas legislativas sobre o reagrupamento familiar.

A CNJP destaca a igualdade de todas as pessoas, na sua “inviolável dignidade humana”.

“A justeza de critérios claros que estabeleçam regras, razoáveis, que protejam os que estão e os que entram, não pode nunca ser confundida com a atribuição de direitos desiguais. Somos todos iguais, os que estavam e os que chegam”, indicam os membros do organismo laical, ligado à Conferência Episcopal Portuguesa.

É preciso não esquecer que todos somos, fomos ou seremos imigrantes. Porque nos foi, é ou será reconhecido o direito fundamental a procurar uma vida melhor. Também os que nos

procuram, querem uma vida melhor, e contribuem para que a vida de toda a comunidade seja melhor, mais próspera.”

Em agosto, o presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, vetou a proposta da nova lei de estrangeiros, depois de o Tribunal Constitucional ter considerado inconstitucionais cinco normas do diploma, aprovado pela AD e pelo Chega.

Os juízes rejeitaram a norma que autorizava o reagrupamento familiar só com menores de idade, sem os cônjuges; o prazo mínimo de dois anos de residência; o tempo mínimo de análise dos processos e a exigência de cumprimento de medidas de integração.

“Felizmente, em Portugal, há instituições que garantem estes princípios fundamentais, e a declaração de inconstitucionalidade pelo Tribunal Constitucional e o veto do presidente da República, da Lei de Estrangeiros, são a expressão deste facto”, assinala a CNJP.

O organismo católico convida a “estar alerta”.

“A repetição constante de ameaças para as quais não há fundamento, a identificação fictícia de grupos responsáveis por essas inexistentes ameaças, dividem, confundem, atordoam, normalizam, fazem o caminho para uma sociedade excludente, injusta. Todos somos coniventes pela indiferença, com o silêncio”, denuncia a nota.

Falando num tempo “intensamente ruidoso”, a CNJP sublinha que a opinião pública está “fragmentada”, num clima que “aumenta o medo, divide as comunidades, potencia a indiferença”.

Portugal não está imune a esta corrente avassaladora. A hostilidade crescente relativa ao diferente, a amplificação do medo do estrangeiro, a fabricada ameaça do que nos é/pode ser tirado, são traços marcantes da nossa sociedade. Adormecida numa indiferença que tudo vai normalizando, que se vai fechando, excluindo progressivamente o que não cabe na pretensa norma cada vez mais estrita, injusta e desumana.”

A Assembleia da República vai reapreciar na próxima terça-feira, em plenário, na generalidade, especialidade e votação final global, as novas propostas de alteração à lei de estrangeiros; o novo diploma admite, nalguns casos, prazos mais curtos de residência para os pedidos de reagrupamento familiar.

Fonte: Agência Ecclesia

Liberdade religiosa na China: Cardeal Chow minimiza, Cardeal Zen alerta

O Cardeal Joseph Zen, conhecido como o “leão de Hong Kong”, é uma figura proeminente na defesa dos direitos humanos e da liberdade religiosa, desafiando a repressão de Pequim e apoiando ativistas pró-democracia. Já o Cardeal Stephen Chow impôs-se como um pastor preocupado com a reconciliação e o diálogo; procura manter uma certa margem de manobra para a Igreja local, mas suas posições são consideradas excessivamente conciliatórias.

As recentes declarações do Cardeal Stephen Chow Sau-yan, jesuíta e bispo de Hong Kong, suscitaram uma forte controvérsia no mundo católico. Ao afirmar que a China deseja manter intacta a liberdade religiosa no território, ele se opõe frontalmente à interpretação de seu predecessor, o cardeal Joseph Zen Ze-kiun, figura emblemática da resistência às pressões de Pequim.

Durante uma visita à Austrália, o Cardeal Chow convidou os fiéis a “virem constatar com os próprios olhos” que não há perseguição religiosa em Hong Kong. Segundo ele, o governo chinês busca respeitar a liberdade de culto na antiga colônia britânica, um fator essencial para sua projeção internacional. Embora reconheça não compartilhar da ideologia ateuista dos comunistas, o cardeal pediu que os membros do Partido sejam vistos como seres humanos “em busca de amor e respeito”. Chow chegou a minimizar a situação do cardeal Zen, de 93 anos, afirmando que seu julgamento e condenação em 2022 teriam sido exageradamente retratados pela mídia ocidental. “Nem um único dia de prisão, nem um único dia de prisão domiciliar”, declarou.

Essa interpretação contrasta radicalmente com a do cardeal Zen, impedido de se expressar livremente pelas autoridades de Hong Kong, mas reconhecido mundialmente por sua coragem. Embora não possa mais se expressar livremente, sua experiência pessoal testemunha as crescentes pressões exercidas sobre a Igreja. O Cardeal Zen teve seu passaporte confiscado, suas iniciativas reprimidas e foi silenciado pela lei de segurança nacional de 2020 e suas prorrogações de 2025.

O cardeal sempre se opôs à “sinização” forçada da fé católica, que se traduz na reescrita dos programas escolares religiosos, na integração de valores socialistas na catequese e em ameaças contra

os padres que pregam homilias consideradas “sediciosas”. A seu ver, a detenção do magnata católico Jimmy Lai e a crescente censura são sinais claros de uma perseguição velada, mas real.

A divergência entre Chow e Zen ilustra duas abordagens opostas: uma voltada para o diálogo com Pequim, correndo o risco de parecer uma concessão ao regime, e outra fiel à verdade dos fatos e disposta a denunciar a injustiça, apesar das sanções. Observadores estimam que o Cardeal Chow fala com relativa liberdade, sabendo que o Cardeal Zen não tem mais a possibilidade de contradizer publicamente suas declarações. No entanto, a realidade — prisões de ativistas, silenciamento de padres, pressões sobre escolas católicas — alimenta o temor de que a liberdade religiosa em Hong Kong seja agora apenas uma lembrança.

Diante dessa divisão interna, várias vozes pedem que a Santa Sé intervenha de forma mais clara. Alguns analistas, como George Weigel, criticam o Cardeal Chow por seu silêncio sobre o caso de Jimmy Lai e sua falta de apoio aos católicos perseguidos. Outros, como Nina Shea, pedem ao papa que se pronuncie com firmeza para proteger a Igreja de Hong Kong de uma colaboração forçada com o aparato de propaganda do Partido Comunista. O confronto entre os dois cardeais não se resume, portanto, a uma simples divergência de análise. Ele revela o dilema mais amplo da Igreja em relação à China: escolher entre o compromisso prudente ou a denúncia profética, correndo o risco de repressão.

A história recente de Hong Kong lança uma luz adicional sobre essa controvérsia. Quando o território voltou à soberania chinesa em 1997, Pequim prometeu manter o princípio “um país, dois sistemas” por cinquenta anos, em virtude da Declaração Conjunta Sino-Britânica. No entanto, ao longo da última década, este princípio foi progressivamente esvaziado do seu conteúdo. A lei sobre a segurança nacional imposta em 2020, e posteriormente reforçada em 2025, introduziu restrições severas à liberdade de expressão e de religião.

Os sacerdotes agora correm o risco de sofrer pesadas penas se se recusarem a revelar o segredo da confissão em casos qualificados como “traição”, e as escolas católicas devem integrar elementos de propaganda socialista em seu ensino religioso.

Nesse contexto, os perfis dos dois cardeais são completamente diferentes. O Cardeal Joseph Zen, ordenado bispo em 1996 e nomeado cardeal em 2006 por Bento XVI, é conhecido como o “leão de Hong Kong”. Defensor dos direitos humanos e da liberdade religiosa, ele assumiu posições firmes contra a repressão de Pequim, apoiando estudantes e ativistas pró-democracia. Sua autoridade moral ultrapassa amplamente as fronteiras da China.

Já o Cardeal Stephen Chow, jesuíta, formado em um ambiente acadêmico marcado pela psicologia e pela educação, impôs-se como um pastor preocupado com a reconciliação e o diálogo. Menos conflituoso que seu antecessor, ele procura manter uma certa margem de manobra para a Igreja local, mas suas posições são consideradas excessivamente conciliatórias.

O caso de Jimmy Lai ilustra essa divisão. Fundador do jornal Apple Daily, este católico fervoroso está detido desde 2020 por “conspiração com forças estrangeiras”. Seu longo julgamento durou mais de cinco meses e ainda se aguarda o veredicto. Símbolo da liberdade de imprensa e da resistência, ele encarna para muitos o preço pago pelos cristãos e democratas de Hong Kong.

Enquanto o cardeal Zen manifestou seu claro apoio a Jimmy Lai, o Cardeal Chow é criticado por seu silêncio.

A controvérsia também se insere no contexto mais amplo das relações entre Roma e Pequim. Desde 2018, um acordo provisório sobre a nomeação de bispos foi assinado entre a Santa Sé e a China, renovado apesar de sua opacidade e efeitos limitados. Pequim vê isso como uma vitória diplomática e uma forma de controlar mais a Igreja, enquanto muitos católicos consideram isso uma concessão arriscada.

O relativo silêncio do Vaticano sobre a situação em Hong Kong alimenta a preocupação dos fiéis, que temem que o diálogo diplomático seja feito em detrimento da verdade.

Por fim, o confronto entre Chow e Zen levanta uma questão mais espiritual. A Igreja deve se adaptar ao poder político para preservar sua presença ou falar profeticamente, correndo o risco de perseguição? A história oferece muitos precedentes, desde Santo Atanásio se opondo ao arianismo apesar dos exílios, até São João Paulo II resistindo pacificamente ao comunismo. Nessa perspectiva, o Cardeal Zen aparece como uma figura de coragem evangélica, enquanto as escolhas do Cardeal Chow se inscrevem em uma lógica de prudência diplomática.

Este debate não se limita, portanto, a Hong Kong. Ele reflete um desafio universal para a Igreja: como permanecer fiel à missão de anunciar Cristo sem concessões, ao mesmo tempo em que enfrenta os regimes que buscam silenciá-la.

Por Elisabeth Vimele

Artigo publicado originalmente em francês no site Tribune Chretienne, em 29 de setembro de 20225. Tradução Gaudium Press - Fonte: Gaudium Press

Instituições europeias precisam de uma laicidade saudável, diz Leão XIV

O papa Leão XIV hoje (29) em audiência com membros do Grupo de Trabalho do Parlamento Europeu sobre Diálogo Intercultural e Inter-religioso. | Vatican Media

Por Victoria Cardiel



O papa Leão XIV disse neste dia 29 que as instituições europeias precisam de "pessoas que saibam viver uma laicidade saudável", ao mesmo tempo em que exortou os fiéis a reconhecer que a religião tem valor tanto em nível pessoal quanto social.

"A dimensão religiosa, quando autêntica e bem cultivada, dá qualidade às relações interpessoais e ajuda muito a formar as pessoas para viverem em comunidade e na sociedade", disse o papa. "Como é importante hoje dar valor e significado às relações humanas!"

Leão XIV fez essas observações ao receber no Vaticano o Grupo de Trabalho do Parlamento Europeu sobre Diálogo Intercultural e Inter-religioso. O objetivo dessa estrutura, vinculada ao Grupo do Partido Popular Europeu (PPE), uma coalizão de partidos conservadores e democratas-cristãos no Parlamento Europeu, é promover o diálogo entre diferentes culturas, religiões, convicções filosóficas e comunidades não confessionais na Europa.

O papa também enfatizou que a participação no diálogo inter-religioso, por sua própria natureza, "reconhece que a religião é um valor tanto pessoal quanto social".

"Ser homens e mulheres de diálogo significa permanecer firmemente arraigados no Evangelho e nos valores que vem dele e, ao mesmo tempo, cultivar a abertura, a escuta e o envolvimento com aqueles que vêm de outras inspirações, colocando sempre no centro a pessoa humana, sua dignidade e sua constituição relacional e comunitária", disse Leão XIV.

O papa sublinhou que promover o diálogo entre culturas e religiões é um "objetivo fundamental para um político de inspiração cristã" e deu como exemplo disso os católicos Robert Schuman, Konrad Adenauer e Alcide De Gasperi, os pais fundadores da União Europeia, também viveram sua fé como um compromisso sociopolítico.

Assim, ele exortou ao cultivo de um estilo de pensamento e ação que afirme o valor da religião, ao mesmo tempo que "preserve a sua distinção – e não a separação ou confusão – em relação à esfera política". Fonte: ACIDigital

Leão XIV escolhe tema do 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais

Papa Leão XIV em audiência jubilar no último sábado (27). | Daniel Ibáñez/EWTN

Por Victoria Cardiel

O papa Leão XIV escolheu *Preservar vozes e rostos humanos* como tema para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, que será celebrado em maio do ano que vem.

O Dicastério para a Comunicação diz que o tema está ligado aos desafios e oportunidades da comunicação na era digital e na era da inteligência artificial (IA).

A mensagem enfatiza que "a tecnologia influencia as interações como nunca antes: desde algoritmos que selecionam conteúdo em *feeds* de notícias até a inteligência artificial que compõe textos e conversas inteiras".

Ela diz também que a humanidade hoje tem possibilidades que eram impensáveis só há alguns anos, mas diz que, embora essas ferramentas ofereçam eficiência e alcance, "elas não podem substituir as capacidades exclusivamente humanas de empatia, ética e responsabilidade moral".

O Dicastério para a Comunicação diz também que "a comunicação pública exige julgamento humano, não só padrões de dados", e diz que o verdadeiro desafio é garantir que a humanidade continue sendo "o agente orientador".

Segundo a mensagem, "o futuro da comunicação deve ser aquele em que as máquinas sejam ferramentas que sirvam e conectem a vida humana, não forças que corroem a voz humana".

Conteúdo atraente, mas enganoso

A Santa Sé fala também sobre os riscos da inteligência artificial, que pode gerar "conteúdo atraente, mas enganoso, manipulador e prejudicial, replicar preconceitos e estereótipos presentes em dados de treinamento e amplificar a desinformação simulando vozes e rostos humanos".

A IA "pode invadir a privacidade e a intimidade das pessoas sem seu consentimento" e que a dependência excessiva dessa tecnologia "enfraquece o pensamento crítico e as habilidades criativas, enquanto o controle monopolista desses sistemas levanta preocupações sobre a centralização de poder e desigualdades".

Nesse contexto, a mensagem papal propõe a introdução do letramento midiático nos sistemas educativos.

O Dicastério para a Comunicação conclui que "como católicos, podemos e devemos dar a nossa contribuição para que as pessoas — especialmente os jovens — possam adquirir a capacidade de pensamento crítico e crescer na liberdade espiritual".

Com esse tema, Leão XIV exorta toda a comunidade a refletir sobre como manter a centralidade da pessoa num mundo em que as tecnologias avançadas transformam a comunicação e a interação social, preservando sempre as "vozes e os rostos humanos" que definem as pessoas como seres éticos e responsáveis.

Fonte: ACIDigital

Há uma estratégia para aniquilar cristãos e islamizar a Nigéria, diz perito em direitos humanos

Por Victoria Cardiel

Ataques contra comunidades cristãs, especialmente no norte da Nigéria, não são um fenômeno isolado, mas sim uma estratégia para "aniquilá-las todas e islamizar o país", diz o criminologista e pesquisador Emeka Umeagbalasi.

Umeagbalasi passou 30 anos denunciando violações de direitos humanos em seu país e disse que "esse não é simplesmente um caso de violência".

"Documentamos o assassinato coordenado e sistemático de um povo inteiro, então estamos falando claramente de um genocídio cristão", disse ele à ACI Prensa, agência em espanhol do Grupo ACI.

Umeagbalasi, diretor da Sociedade Internacional para as Liberdades Cívicas e o Estado de Direito (*Intersociety*) publicou um relatório sobre a violência de radicais muçulmanos contra quem professa a fé cristã.

Eles não podem rezar em voz alta, eles fazem isso em segredo

A ONG estima que no norte do país existam cerca de 40 milhões de cristãos que "não podem rezar em voz alta". "Eles fazem isso em segredo, à noite", diz a Intersociety. "Ninguém ousa confessar abertamente sua fé. Se fizer isso, corre o risco de ser morto por blasfêmia".

A ONG alerta sobre uma "estratégia sistemática para alcançar o extermínio dos cristãos" apoiada pela cumplicidade do Estado e pela passividade da comunidade internacional.

"Hoje, no norte da Nigéria, é quase impossível viver como cristão e, se essa tendência continuar, dentro de meio século não seremos mais um país religiosamente plural", diz Umeagbalasi

"A cumplicidade faz parte da política expansiva do governo nigeriano de islamizar o país", diz Umeagbalasi. Segundo o perito, no governo de Muhammadu Buhari (2015-2023), ex-oficial militar de origem fulani, a Nigéria sofreu uma deterioração significativa na segurança interna.

Embora Buhari tenha chegado ao poder prometendo derrotar grupos jihadistas e restaurar a estabilidade, tanto o Boko Haram quanto seu braço direito, o Estado Islâmico na Província da África Ocidental, consolidaram seu controle sobre grandes áreas do nordeste do país nos últimos anos.

Existe um “projeto nacional de islamização”

"Os jihadistas tomaram o poder político e desde então lançaram um projeto de islamização nacional", diz ele.

Como exemplo da inação do Estado nigeriano, Umeagbalasi cita o caso paradigmático dos sequestros em massa no Estado de Kaduna, no norte do país. Nessa região, vários grupos armados ligados a pastores da etnia fulani, a mesma do presidente, atacam frequentemente aldeias cristãs, sem que as forças de segurança façam qualquer esforço para impedi-los. Segundo o especialista, o governo nigeriano tende a minimizar essa violência, descrevendo-a simplesmente como "crime comunitário".

Cerca de 850 cristãos permanecem presos em vários campos na região de Rijana, bem perto de uma base militar. Isso começou em dezembro do ano passado e eles permanecem reféns dos jihadistas até hoje. Entre dezembro e agosto deste ano, cerca de 100 prisioneiros foram mortos na região.

“Como é possível que tudo isso esteja acontecendo a poucos quilômetros de instalações militares sem que ninguém tome providências?”, pergunta o ativista.

Está cada vez mais difícil ver notícias católicas nas redes sociais. Inscreva-se hoje mesmo em nossos canais gratuitos:

Paróquias praticamente vazias por medo de atentados

Segundo a Conferência dos Bispos Católicos da Nigéria (CBCN, na sigla em inglês), pelo menos 145 padres foram sequestrados desde 2015. No entanto, investigações da ONG *Intersociety* elevam esse número para 250 clérigos católicos atacados, além de outros 350 ministros de várias denominações cristãs.

“A Igreja Católica e os bispos da Nigéria estão fazendo o que podem, mas há limites para o que eles ousam dizer publicamente”, diz Umeagbalasi.

"Eles não podem reconhecer abertamente, por exemplo, que muitas paróquias no norte do país estão praticamente vazias por medo de ataques”, diz o especialista. “Mas podemos dizer a verdade, e fazemos isso para ajudá-los”.

Em 2075, pode não haver mais cristianismo na Nigéria

A violência alterou profundamente o equilíbrio religioso na Nigéria. "O objetivo dos jihadistas é eliminar os cristãos", diz o diretor da *Intersociety*. "Se não agirmos com urgência, pode não haver mais cristianismo na Nigéria até 2075”.

Os deslocamentos em massa para campos de deslocados internos — e além das fronteiras, para Camarões ou Chade — são mais uma evidência da magnitude do problema. "Quando destroem sua igreja, atacam sua comunidade e ameaçam sua vida, você não tem escolha a não ser fugir", diz Umeagbalasi.

O negócio do sequestro

A consultoria africana de segurança e estratégia *SBM Intelligence* documentou em seu relatório anual, *Economia da Indústria de Sequestro da Nigéria, Atualização de 2025*, que 4.722 pessoas foram sequestradas por grupos extremistas entre julho do ano passado e junho deste ano. Entre as vítimas estavam 18 padres.

Pela libertação desses milhares de reféns, eles pagaram cerca de 2,57 bilhões de nairas (cerca de R\$ 9,2 bilhões), o que representa cerca de 10% do que os sequestradores estavam exigindo.

“Padres e freiras têm famílias que acabam pagando resgates, mesmo com a Igreja se recusando oficialmente a negociar”, diz Emeka Umeagbalasi. “Além disso, os sequestradores ficam com carros de luxo usados pelos clérigos, que acabam vendendo no mercado negro. Um carro roubado de um padre pode valer até 10 milhões de nairas (cerca de R\$ 35, 8 mil) no mercado negro”.

Fonte: ACIDigital

-----.

O Carmelo feminino sempre atraiu muitas vocações no Brasil, diz carmelita mestra de noviças



Carmelitas do Carmelo Ressurreição e Santa Edith Stein, em Senhor do Bonfim (BA). | Crédito: Cortesia Carmelo Ressurreição e Santa Edith Stein, em Senhor do Bonfim (BA).

Por Nathália Queiroz

“No Brasil, o Carmelo feminino sempre atraiu muitas vocações, embora haja exceções em algumas regiões”, diz a irmã Maria dos Anjos, mestra de noviças do Carmelo Ressurreição e Santa Edith Stein, em Senhor do Bonfim (BA). Há três anos, ela é responsável por acompanhar as mulheres em seu discernimento e resposta à vocação carmelita.

“As jovens vêm sedentas de uma vida de maior intimidade com Deus através da oração, da solidão e do silêncio”, diz a irmã à ACI Digital. “Elas também se sentem atraídas pela alegria que brota da vivência fraterna, que, assim como a solidão, é bem intensa no Carmelo”.

Nos últimos anos, contou a irmã, aumentou o número de jovens que buscam conhecer a vida de clausura. Ela atribui esse fenômeno aos meios de comunicação social que ajudam a “difundir a nossa espiritualidade e o nosso carisma”, principalmente o **apostolado Flores do Carmelo** que tem um perfil nas redes sociais dedicado a divulgar a vocação e espiritualidade carmelita. Também atribui esse aumento ao conhecimento da “vida e a espiritualidade dos nossos Santos, em especial santa Teresinha do Menino Jesus”.

Atualmente, cinco moças estão em acompanhamento vocacional no Carmelo de Senhor do Bonfim. “Há também algumas adolescentes que mostraram interesse, mas não começaram o acompanhamento devido à idade”, diz a irmã.

Desde que assumiu como mestra de noviças há três anos, oito jovens entraram para a comunidade, mas uma voltou para casa.

Ser carmelita é ter os olhos voltados para o céu com os pés no chão

Para irmã Maria dos Anjos, ser carmelita é “viver sempre em busca d’Aquele que é o único necessário. É ter os olhos do coração sempre voltados para o Céu, mas com os pés no chão: contemplação e ação – solidarizar-se com as realidades de dor, de morte e de perdição em que se encontram muitos dos nossos irmãos, e apresentá-los a Deus por meio da oração”.

“É ser como o humilde Cirineu que através da oração e dos pequenos sacrifícios ajudam os sacerdotes a carregarem a sua cruz de cada dia”, continua. “É ser como a raiz das árvores que, escondida na terra realiza o seu trabalho de levar a seiva da vida para a grande árvore que é a Igreja e que a ajuda a se manter em pé. Enfim, é ser o amor no Coração da Igreja, como dizia santa Teresinha do Menino Jesus”.

Espiritualidade carmelita ajuda a Igreja a reencontrar a primazia da oração

A espiritualidade carmelita “pode ajudar a Igreja a reencontrar a importância e primazia da oração, cultivando a vida interior, dando a Deus o que é de Deus”, diz a irmã. “Em meio à urgência dos trabalhos apostólicos, pastorais ou até profissionais, muitos acabam abandonando a vida de oração ou colocando-a em último plano. Mas se esquecem que é justamente nela que encontrarão o que necessitam para que seus trabalhos tenham êxito”.

“O silêncio, característica tão própria do nosso carisma e valor tão ausente no mundo, também deveria inspirar a muitos a buscarem esses momentos para encontrarem-se consigo mesmos, pacificarem o coração e assim encontrarem-se com Deus”, disse.

Etapas da vocação carmelita de clausura

Cada Carmelo determina uma idade limite para começar o discernimento vocacional. No Carmelo Ressurreição e Santa Edith Stein a idade limite é de 26 anos, mas pode haver exceções.

Segundo a mestra de noviças, “quando se entra no Carmelo com uma idade mais madura, percebemos uma maior dificuldade das candidatas em se adaptar ao nosso estilo de vida, sobretudo no que se refere à obediência, a autonomia e também a saúde e as disposições físicas que as impossibilitariam de seguir o ritmo da comunidade”.

Para entrar no Carmelo, a candidata deve ter terminado o ensino médio. Não há exigência de ensino superior, mas se a vocacionada já estiver cursando uma faculdade, ela é aconselhada a terminar o curso antes de entrar para o Carmelo.

O primeiro passo da vocação é fazer um ano de acompanhamento vocacional. Depois, a vocacionada faz o pedido para iniciar o aspirantado, tempo no qual ela continua no convívio familiar e começa a desfazer-se dos seus compromissos seja no trabalho ou outros.

Depois de entrar para a clausura, a jovem completa o seu tempo de aspirantado, que leva entre um e dois anos. Passado esse período, ela prossegue nas outras etapas de formação: o postulante, que dura de um a dois anos; o noviciado, quando recebe o hábito e um novo nome, com duração de dois anos; a profissão simples ou temporária, que se estende por cinco anos; e, por fim, a profissão perpétua, no Carmelo chamada de profissão solene, que acontece depois de nove a 12 anos de formação.

Por que o Carmelo se chama Edith Stein e não Santa Teresa Benedita da Cruz

O Carmelo de Senhor do Bonfim leva o nome de Edith Stein, filósofa judia convertida ao catolicismo e que, ao se tornar carmelita, escolheu o nome Teresa Benedita da Cruz. Segundo a irmã, o Carmelo tem o nome civil da santa “primeiramente porque quando ela foi canonizada pelo papa são João Paulo II ele deu muita ênfase ao seu nome”.



Santa Teresa Benedita da Cruz. Crédito: Carmelo da Ressurreição e Edith Stein.

“Edith Stein era muito conhecida no meio acadêmico onde nem todos eram cristãos e, muito menos ainda, católicos”, diz a irmã. “É interessante observar que até hoje acontece o mesmo fenômeno: ela continua muitíssimo conhecida e admirada em diversas áreas de estudo e pesquisas filosóficas”.

“Poucas pessoas a reconhecem pelo nome religioso ‘Santa Teresa Benedita da Cruz’. A meu ver, isso foi um modo inteligente que a Igreja usou para conservar a memória desta grande santa, que antes de ter sido carmelita, foi uma grande mulher no campo acadêmico da filosofia e ainda hoje é assim reconhecida. E nós conservamos este nome com esse mesmo intuito”, contou.

Além disso, há uma ligação afetiva com a fundadora do Carmelo: “Escolhemo-la como patrona porque a mãe fundadora do nosso Carmelo, mãe Ana Letícia do Coração de Jesus, também era descendente de judeus e tinha uma profunda admiração e respeito pela tradição judaica. Temos um profundo respeito e apreço pela religião judaica”, concluiu.

Fonte: ACIDigital

De cardeal a Papa em menos de 2 anos: o que levou Robert Prevost a conduzir a Igreja



Gilberto Vanderlei -

Em menos de 20 meses como cardeal, Robert Francis Prevost foi eleito Papa Leão XIV. Entenda como sua trajetória levou cardeais a escolhê-lo como Papa.

Quando os cardeais se reuniram no conclave de maio de 2025, procuravam alguém capaz de dar continuidade às linhas mestras do pontificado anterior, com um estilo mais discreto e agregador. Na avaliação de vaticanistas, a eleição de Prevost foi lida como um voto de continuidade no conteúdo, porém com um estilo mais pragmático e reservado.

Além disso, o Colégio Cardinalício que entrou na Capela Sistina em 2025 tinha um perfil moldado por Francisco: após o consistório de 30 de setembro de 2023, quase três quartos dos eleitores haviam sido criados por ele — um dado que, por si, favorecia nomes alinhados à sua agenda de reforma.

Um papa capaz de falar com o mundo

Prevost reuniu três credenciais raras num mesmo perfil, primeiro sendo nomeado Prefeito do Dicastério para os Bispos em 2023 por Papa Francisco. Esse posto deu a Prevost uma visão global da Igreja e interlocução direta com cardeais e episcopados. O segundo ponto foi sua experiência missionária na América Latina, região predominantemente católica. Ele foi bispo de Chiclayo (Peru) e atuou por décadas como missionário, falando espanhol com fluência e conhecendo por dentro a realidade das Igrejas das Américas. Por último, não podemos esquecer que ele foi Prior-Geral dos Agostinianos (2001–2013), cargo que o levou a visitar províncias no mundo inteiro e arbitrar temas delicados da vida consagrada. Esse conjunto o tornou, para muitos eleitores, um nome-ponte entre Norte e Sul, com lastro pastoral e capacidade de governança.

Cardeal recente mas com ampla rede relacional. É fato: Prevost foi criado cardeal em setembro de 2023 e eleito papa em 2025, menos de 20 meses depois. O “pouco tempo” de púrpura, porém, veio depois de funções que o colocaram no centro das decisões (prefeitura do Dicastério para os Bispos; participação em vários outros dicastérios desde outubro de 2023). Assim, embora “novo” no Colégio, já era bem conhecido e confiável para quem vota, além disso, ele sempre teve um perfil agregador.

Na primeira entrevista como prefeito (2023), Prevost resumiu sua visão: “o bispo é pastor, não gerente”. Essa ênfase no cuidado pastoral — sem descuidar do direito e da disciplina eclesial para proteger o rebanho — ajudou a desarmar resistências entre correntes distintas do Colégio. Em tempos de polarização, um mediador conta votos.

O abraço dos cardeais

Para ser de fato abraçado pelos demais cardeais, o futuro papa deveria seguir alguns requisitos como, dar continuidade as reformas iniciadas sob Francisco e seu passado indicava forte compromisso essas reformas, sem sobressaltos. Para muitos, isso traria estabilidade com aprimoramentos.

Por ser Americano mas ter vivido muitos anos na América do Sul, Prevost também se colocava como um candidato único já que nunca houve um papa nascido nos Estados Unidos e sua vivência no hemisfério sul ainda trazia uma certa conexão com Francisco que era argentino. Tudo isso colaborava com a ideia de continuidade e não de rompimento.

Nasce Leão XIV

Ao escolher Leão XIV, Prevost acenou ao legado de Leão XIII e da Doutrina Social, sinalizando atenção ao trabalho humano e aos desafios de uma “nova revolução industrial” (IA, tecnologia, mudanças sociais). Para cardeais atentos a pontes com o mundo contemporâneo.

Com tudo isso podemos dizer que Prevost não “chegou rápido demais”; ele chegou pronto. A combinação de experiência missionária, autoridade canônica, liderança internacional e credibilidade curial, somada a um Colégio orientado à continuidade e a um perfil de pastor agregador, explica por que os cardeais discerniram nele o homem certo para conduzir a Igreja naquele momento histórico.

Fonte: Aleteia

-----.